



Universidade Federal do Pampa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAMPUS JAGUARÃO-RS

BACHARELADO EM PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL

DAMARIS DE LIMA SANTOS

**CURADORIA E MEDIAÇÃO CULTURAL: (DES) ENCONTROS COM
EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA EM SÃO
PAULO/SP.**

**JAGUARÃO
2017**

DAMARIS DE LIMA SANTOS

**CURADORIA E MEDIAÇÃO CULTURAL: (DES) ENCONTROS COM
EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA EM SÃO
PAULO/SP.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa – Câmpus Jaguarão-RS, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Produção e Política Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Da Rolt.

**JAGUARÃO
2017**

DAMARIS DE LIMA SANTOS

**CURADORIA E MEDIAÇÃO CULTURAL: (DES) ENCONTROS COM
EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA EM SÃO
PAULO/SP.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa – Câmpus Jaguarão-RS, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Produção e Política Cultural.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora:

Prof. Dr. Clóvis Da Rolt – UNIPAMPA
(Orientador)

Profa. Dra. Hilda Jaqueline de Fraga - UNIPAMPA

Profa. Me. Sabina Vallarino Sebasti – UNIPAMPA

**JAGUARÃO
2017**

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida,
à minha avó Maria (in memoriam), à vovó
Albertina, à minha mãe Marlene e às gêmeas
Paula e Fernanda.

AGRADECIMENTO

À equipe do Departamento de Educação e Arte e as curadoras do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, que contribuíram com relatos significativos para o desenrolar dessa pesquisa.

Ao orientador, Prof. Dr. Clóvis Da Rolt, por seu empenho ao conduzir o processo de realização dessa pesquisa, e por ter aceito o convite a orientação em meio a um curto prazo para a concretização da mesma.

À Profa. Dra. Carla Rabelo pelo estímulo a um aprofundamento de estudos e investigação em especial a área de mediação de cultural.

À amiga Raici, pelo incentivo, apoio e contínuo acompanhamento ao longo de praticamente todo período de graduação.

Às amigas Tuty e Isa pelas longas conversas e aventuras partilhadas, as quais tiveram expressiva importância em minha trajetória acadêmica.

Ao Condado Gaia pela brilhante receptividade e acolhimento, fundamentais durante minha vivência em Jaguarão.

À minha família pelo pleno e indescritível apoio e inspiração.

E, às forças divinas presentes nessa caminhada.

*“Tínhamos dúvidas clássicas, muita aflição
Críticas lógicas, ácidas não”*

Marcelo Jeneci

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa discutir os encontros e desencontros existentes entre curadores e mediadores culturais no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Através dessa pesquisa tem-se o intuito de alcançar maior visibilidade acerca das ações de educadores e curadores em museus que por vezes são vistos em meio a uma hierarquia de papéis institucionais. O processo de análise se deu mediante pesquisa de cunho qualitativo. Dentre os resultados alcançados, pode-se destacar a necessidade de romper com determinadas barreiras visíveis e invisíveis existentes no museu. Criando dessa forma, amplo acesso a exposições artísticas, as quais são repletas de obras propensas a uma gama significativa de interpretações e difusão de experiências estéticas.

Palavras-chave: Curadoria, Mediação Cultural, Apropriação Artística, MAC USP.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de curso busca discutir los encuentros y desencuentros existentes entre curadores y mediadores culturales en el Museo de Arte Contemporáneo de la Universidad de São Paulo. A través de esta investigación se tiene la intención de alcanzar mayor visibilidad acerca de las acciones de educadores y curadores en museos que a veces se ven en medio de una jerarquía de papeles institucionales. El proceso de análisis se dio mediante investigación de cuño cualitativo. Entre los resultados alcanzados, se puede destacar la necesidad de romper con ciertas barreras visibles e invisibles existentes en el museo. Creando así un amplio acceso a exposiciones artísticas, las cuales están repletas de obras propensas a una gama significativa de interpretaciones y difusión de experiencias estéticas.

Palabras clave: Curatoria, Mediación Cultural, Apropiación Artística, MAC USP.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Performance de Andrea Fraser (Foto disponível em: < http://www.tate.org.uk >)	26
Figura 02 - Sala de exposição do serviço educativo do Museu Serralves (Foto: Damaris Santos)	29
Figura 03 - Interação com a mostra de arte (Foto Damaris Santos)	29
Figura 04 – “Um amor sem igual” (2011), obra de Nina Pandolfo (Foto: Damaris Santos)	36
Figura 05 - Grupo da Terceira Idade em oficina de desenho (Foto: Damaris Santos)	39
Figura 06 - Pormenor de desenho de um dos participantes da oficina de desenho (Foto: Damaris Santos)	39
Figura 07 - Área de entrada do MAC USP (Foto: Damaris Santos)	44
Figura 08 - Mapa das exposições (Disponível em: < http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/exp/mapa/mapa.htm >)	75
Figura 09 - Layout do site do MAC USP (Disponível em: < http://www.mac.usp.br/mac/ >)	76
Figura 10 - Layout do Instagram do MAC USP (Disponível em: < https://www.instagram.com/mac-usp/ >)	76
Figura 11 - Layout do Facebook do MAC USP (Disponível em: < https://www.facebook.com/usp.mac/ >)	77
Figura 12 – Layout do Twitter do MAC USP (Disponível em: < https://twitter.com/mac_usp >)	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CURADORIA EM ARTES VISUAIS	14
1.1 A IMPORTÂNCIA DA CURADORIA EM INSTITUIÇÕES DE ARTE	17
1.2 CURADORIA EDUCATIVA.....	19
2. MEDIAÇÃO CULTURAL – CONTEXTO HISTÓRICO E ATUAÇÕES	22
2.1 MEDIANDO EXPERIÊNCIAS COM ARTE CONTEMPORÂNEA.....	27
2.3 POLÍTICAS CULTURAIS NOS CAMPOS DA MEDIAÇÃO E CURADORIA EM ARTES	31
3. MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA - USP	34
3.1 AÇÕES EDUCATIVAS DO MAC USP	36
3.2 ATUAIS DEMANDAS E BARREIRAS NO CENÁRIO DO MAC USP	42
4. PROCESSOS METODOLÓGICOS	47
5. DEBRUÇANDO-SE SOBRE A ANÁLISE.....	50
5.1 TECENDO FIOS DE DIÁLOGOS ENTRE MEDIADORES, CURADORIA, PÚBLICO E OBRAS	51
5.2 LABIRINTO INSTITUCIONAL: HIERARQUIA E DESENCONTROS ENTRE CURADORIA E MEDIAÇÃO CULTURAL	56
5.3 INVISIBILIZADOS, VISIBILIZADOS NA PERSPECTIVA DE VISITANTES.....	62
CONCLUSÃO	66
BIBLIOGRAFIA.....	70
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DESTINADO A MEDIADORES DO MAC USP	73
APÊNDICE B – QUESTÕES DESTINADAS AOS CURADORES DO MAC USP.....	74
ANEXO – MAPA DAS EXPOSIÇÕES DO MAC USP.....	75
ANEXO B – REDES VIRTUAIS DE DIVULGAÇÃO DO MAC USP.....	76

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de conclusão de curso propõe como objeto de investigação as interações entre curadoria e mediação cultural enquanto ações difusoras de experiências estéticas em instituição de arte contemporânea. Através do amparo de conceitos teóricos quanto às ações da curadoria e da mediação, a proposta visa discutir aspectos relativos aos encontros e desencontros de ações curatoriais e educativas em meio a exposições de arte, bem como a influência dessas como contributos a fruição entre obras e espectadores. O estudo tem como campo empírico o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), situado em São Paulo/SP.

Tratando-se da proximidade com o tema de pesquisa, essa se deu ao longo do período de graduação em que dentro e fora das salas de aula foi possível participar de discussões acerca do sistema das artes e sobre o desenrolar de ações em instituições culturais. Ao realizar componentes curriculares, como por exemplo, História da Arte; Fundamentos Teóricos da Arte; Instituições e Espaços Culturais; Arte, Vanguarda e Globalização; Patrimônio e Museus, fui instigada a aprofundar conhecimentos sobre conteúdos curatoriais e de mediação. Vale salientar que, as visitas a instituições culturais e o contato com obras em espaços de exposições de arte também contribuíram com o anseio de compreender os processos institucionais de difusão de bens artístico-culturais.

Em meio a inquietações sobre práticas em torno de produções artísticas modernas e contemporâneas, surge então interesse na execução da pesquisa no MAC USP, citado anteriormente. Este espaço, segundo penso, permite boas condições de análise, para os fins desse trabalho, devido a diversidade de funcionários que atuam no setor educativo e curatorial. Outro aspecto relevante é que o MAC USP realiza projetos e ações educativas envolvendo públicos dos mais variados e, certamente, por ser uma instituição importante e pioneira na proposição de setores educativos voltados a museus no Brasil.

Dentre outros fatores que impulsionaram a escolha do objeto e a relevância em abordá-lo, tem-se ao intuito de alcançar maior visibilidade acerca das ações de educadores e curadores em museus que por vezes são vistos em meio a uma hierarquia de papéis institucionais. Entretanto, esses possuem singular importância na difusão de experiência estética. Isso tanto em ações individuais como em conjunto. Em meio a produção de exposições de arte é interessante o entendimento de processos colaborativos internos do museu que geram encontros entre espectador e obras. A pesquisa visa também ser uma contribuição a pesquisadores dessas áreas, as quais ainda demandam registros interpretativos no âmbito de mostras de artes visuais.

O processo de análise no campo estudado se deu de forma a concentrar algumas ações diretas nos espaços expositivos do MAC USP, mediante pesquisa de cunho qualitativo. Através do uso de um enquadramento metodológico que lançou mão da observação participativa em visitas guiadas e ações educativas nos museus, teve-se o intuito de captar conteúdos importantes a análise das atividades e experiências de fruição artística. Como suportes de elaboração foram utilizados diário de campo, entrevistas semiestruturadas com uso de anotações e gravador.

Dentre uma série de conexões possíveis acerca do objeto de estudo deste trabalho, ressalto os tensionamentos em torno das interações de curadores e mediadores; seus contributos à promoção e difusão de experiências estéticas; a identificação do perfil de profissionais educadores e curadores da instituição; a diversidade de público participante dos projetos educacionais; os processos de formação de público em meio aos contextos característicos do museu; o conhecimento e desconhecimento dos agentes de curadoria e mediação cultural por parte de alguns visitantes; os entraves existentes no ensino de educação não-formal em torno de obras de arte contemporânea; as conexões entre materiais educativos e conteúdos de mostras e as demandas em torno das áreas de ações educativas e de curadoria existentes no museu visam ser aspirados.

Para além disso, esse trabalho de conclusão procura suprir informações em torno das presentes realizações educativas e curatoriais do MAC USP, como forma de privilegiar o acervo de informações da própria instituição, além de incentivar a promoção de políticas culturais de fomento às áreas de mediação cultural e curadoria. Diante disso busca-se incentivar a valorização e visibilidade de ações de promoção artística de uma instituição de arte contemporânea de modo a promover discussões e percepções em torno de experiências com a arte.

Os encontros entre curadoria e mediação cultural, por vezes são baseados em protocolos e ditames institucionais. Ambas, curadoria e mediação cultural, comumente se encontram separados na esfera dos museus. A questão dos conflitos existentes entre essas áreas pode ocasionar privilégios de legitimação conferidos a curadores em detrimento de educadores que atuam na mediação. Esse fator reforça uma necessidade de trocas entre ambos, assim como um tensionamento de discussões sobre as ações dadas em torno do aparelho cultural museu. Ao conceber as exposições de arte, até que ponto se tem em mente o público que irá visitar? Para quem são destinados discursos em torno dos objetos artísticos? Nesse sentido, o departamento educativo pode fornecer dados sobre expectativas do público visitante? De que forma ações culturais e educativas podem manter equilíbrio perante a área de curadoria?.

Alguns diálogos entre curadores e mediadores são importantes até mesmo por promover parâmetros de incentivos culturais pela via das políticas públicas. A troca de ideias entre os campos e conexões, fortalece projetos voltados aos diversos públicos. Vale destacar que, a presente pesquisa não tem a intenção de gerar confronto entre as duas áreas, mas acentuar potencialidades desses departamentos. Pretende também refletir de forma crítica sobre esses agentes no museu, com intuito de expandir discursos em torno dos programas expositivos. Análises e debates desses campos são contributos para repensar sobre a ordem tradicional hierárquica da ação curatorial frente à mediação em museus.

O presente trabalho de conclusão de curso está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Curadoria em Artes Visuais”, discute-se aspectos característicos das funções de curadores em museus, da disposição de obras em salas expositivas, aspectos relacionados a curadoria educativa, bem como a importância dessas ações para o desenrolar das instituições.

No segundo capítulo são expostos conteúdos históricos sobre o surgimento da ideia de mediação cultural, experiências do mediar em arte contemporânea e as principais atividades realizadas por mediadores em instituições museológicas. Contextualiza-se também referenciais teóricos peculiares a área e aos departamentos educativos de museus e reflete sobre a importância de políticas públicas dos setores de mediação e curadoria vinculados a museus e espaços culturais.

O terceiro capítulo “Museu de Arte Contemporânea-USP”, trata de algumas informações referentes a consolidação e estrutura do museu. Discorre também em torno das ações educativas difundidas pela instituição. Aspectos relativos à fruição e experiências estéticas vivenciadas em arte contemporânea e as atuais demandas existentes na instituição também são apontados no decorrer do capítulo.

No quarto capítulo, tem-se uma discussão sobre os processos metodológicos utilizados na realização da pesquisa, bem como nas análises dos conteúdos alcançados.

O quinto capítulo debruça-se sobre os dados adquiridos com o presente trabalho de conclusão de curso, os quais foram subdivididos em três conjuntos de análises.

O título desse trabalho de conclusão foi definido com a finalidade de incitar questões sobre os encontros e desencontros perpassados entre obras, públicos, mediação e curadoria, os quais suscitam as mais diversas experiências estéticas em arte contemporânea. Ao longo da pesquisa aciona-se desde definições, até características de atuações e problemáticas políticas sobre o curar e o mediar.

1. CURADORIA EM ARTES VISUAIS

Atualmente, a ação curatorial pode ser aplicada às diversas linguagens artísticas, como artes cênicas, cinematográfica, música, dentre outras. Especificamente em artes visuais, a curadoria se desdobra no ato de definir conteúdos de mostras de arte, desde a idealização de um tema até a seleção de obras a serem expostas. No que corresponde às funções relacionadas à curadoria em museus é possível apontar, por exemplo, a articulação de informações, criação de conexão entre obras, montagem e difusão de conteúdos propensos a experiências estéticas bem como conservação de obras de arte. (OBRIST, 2010, p. 10). Em meio à diversidade de ações, eis que a curadoria conforme Bruno (2008), deve estar conectada a saberes sobre o espaço expositivo e suas potencialidades em relação ao público visitante.

Os curadores precisam definir objetivos quanto ao discurso expositivo e se atentar para o entrelaçamento com questões educacionais das instituições. São responsáveis também por conceberem roteiros de desenhos e circuitos expográficos. Dessa maneira, a junção dessas intervenções reflete: “a identificação de possibilidades interpretativas reiteradas, desvelando as rotas de ressignificação dos acervos e coleções; A aplicação sistêmica de procedimentos museológicos de comunicação aliados às noções de preservação, extroversão e educação”. (BRUNO, 2008, p. 25). Sem dúvida, são ações de considerada relevância e que ao serem aplicadas refletem significativos resultados nas fruições de bens culturais.

Conforme Martins (2014), o curador tende a ser um expositor de obras, as quais são escolhidas de forma cuidadosa permitindo debates em torno de bens artísticos. Através de uma proposta curatorial estimula-se leituras e experiências a um público diversificado. Promove sentidos reinventados a cada mostra realizada. É um ato de criação, e que em alguns casos não são visíveis em uma exposição. Para além disso, seria importante que o público realizasse suas próprias escolhas, traçando também trajetos expositivos. Por meio de ações educativas, por exemplo, é possível gerar tais provocações. Em um espaço de mostra, uma obra se interliga a outra através de critérios específicos. Convém, dessa forma, que haja estímulo à percepção, conexões e associações entre as mesmas. As curadorias em exposições criam encontros com a arte, assim como os catálogos das mostras, livros de arte que podem contribuir com o fator de mediação nos museus e espaços culturais.

Através do ato curatorial é possível expor obras de forma cuidadosa, propiciando debates e novas possibilidades de compreensões artísticas. Chiarelli (2010) destaca que até meados de 1970, a figura do curador estava predominantemente associada a museus, porém após esse período algumas bienais e exposições espetacularizadas passaram a inserir os fazeres

curatoriais de forma independente ou por meio de convites. O curar em artes visuais pode difundir conhecimentos sobre determinado assunto, fornecendo dados e sentidos a cada nova exposição. O curador pode atuar também como crítico de arte, produzindo textos destinados a materiais expositivos, pôsteres, cartazes, dentre outras formas de comunicação com públicos.

Muitos artistas nos dias de hoje atuam como curadores, outros optam por convidar especialistas na área para realizarem tais funções. Grande parte das instituições museológicas possuem equipes específicas e fixas para o trabalho curatorial. Entretanto, existem exceções de casos em que curadores externos são convidados a promoverem exposições de cunho temporário, responsabilizando-se pela pesquisa, montagem, diálogo com artistas, viabilização de projetos e captação de recursos para difusão de mostras. Em alguns fóruns internacionais, ocorrem discussões sobre a figura do curador enquanto artista, curador-ativista, curador-etnográfico, dentre outras nomenclaturas.

Ao refletir sobre as múltiplas funções em torno da curadoria, Ribeiro (2015) destaca que, antes de tudo o curador pode ser considerado um mediador. Pois, atua entre o artista e o público, estando por vezes à frente da divulgação e apresentação de mostras de obras de arte, as quais são por ele selecionadas. Em meio às várias práticas curatoriais, é possível afirmar que essas podem abarcar também responsabilidades de gestão. O curador em algumas instituições opera como diretor de museu ou galeria e também pode ser responsável por conceber um tema a se transmitir e por coordenar transporte e seguro de obras. É justamente, pelas várias ações no campo artístico que, os curadores ao longo do tempo passaram a ter considerável importância e visibilidade no circuito da arte.

Partindo do pressuposto de que o curador realiza a escolha de obras a serem expostas em uma instituição, podendo até mesmo atuar no processo criativo, convém pensar se seu papel influencia ou não na produção de artistas. Da mesma forma, os artistas podem contribuir e ou compor de certa forma o processo curatorial. O curador pode idealizar a mensagem que se quer passar, mas a forma como isso alcançará o público, depende de como é conceitualizada a exposição (RIBEIRO, 2015, p. 03).

Quanto ao espaço expositivo, pode-se afirmar que esse é caracterizado por procedimentos de exibição de obras. Segundo Dutra (2014), antes do século XX, quadros e pinturas eram expostos de maneira aglomerada preenchendo quase toda a parede. Por um longo período de tempo, vários salões de arte se mantiveram com tais formatos, os quais dificultavam a visualização e apreciação individual das obras. Courbet foi pioneiro em expor seus trabalhos em um contexto diferenciado. Conforme o passar do tempo, começou-se a adotar para além das paredes, painéis, até os mais variados suportes. O MoMa (Museum of Modern Art de Nova

York), em 1929 iniciou o uso da expografia de paredes brancas. Entretanto, foi o Folkwang Museum na Alemanha que influenciou montagens de exposições de arte melhor distribuídas, influenciando o próprio MoMa e algumas mostras brasileiras.

Um dos precursores na área de curadoria, Alexandre Doner, ao dirigir o Landesmuseum entre os anos de 1922 a 1937, tornou o ambiente expositivo mais convidativo. A inclusão de textos críticos, biográficos, etiquetas com dados sobre as obras, iluminação distinta, foram contributos a origem de novas experiências estéticas e recepção de públicos. Tem-se então, o surgimento de um outro olhar e atenção para o espaço expositivo. Vale salientar que, o museu de arte vivenciou mudanças também em virtude da própria produção dos artistas que foi se alterando até chegar ao movimento conhecido como arte contemporânea, que abrange um pluralismo de obras e manifestações artísticas. (DUTRA, 2014, p. 24). Em meio aos avanços alcançados quanto a aspectos museográficos e de fruição de obras, vale destacar que atualmente os curadores lidam com novos desafios quanto à disposição dos objetos artísticos, que dependendo de como são expostos podem tanto atrair, como afastar o público. Outros fatores determinantes a isso, são a estética das salas de mostras, as legendas, os textos e as narrativas utilizadas em ações de curadoria.

O projeto curatorial de uma exposição de arte varia mediante as linhas de pensamentos traçadas, estratégias de exposição que demarcam a produção a ser feita. Dentre as etapas de um processo em curadoria, Alegria (2013), aponta inicialmente a seleção de artista ou artistas, que parte de um ato crítico, onde é feito um procedimento de escolhas. A segunda etapa da ação do curador é quanto ao desenrolar da proposta, sendo que os artistas ficam incumbidos de desenvolver seus projetos. Alguns artistas gostam de dialogar com curadores sobre suas ideias, enquanto que outros preferem realizar um trabalho mais solitário. Convém destacar que, mesmo que o curador esteja envolvido nas fases de produção artística, o diálogo entre artista e curador é fundamental para concretização das etapas curatoriais.

Durante todo período de produção curatorial, o fator de financiamento é bastante relevante, demandando recursos por parte de patrocinadores ou instituições públicas e/ou privadas. É necessário ter um orçamento que contemple a produção de obras, o transporte das mesmas até a montagem e difusão de uma exposição. Eis um fator complicado para muitos museus atuais e seus curadores que por vezes, carecem de parcerias e apoios. Após alcançar os recursos, a montagem de uma exposição é feita e em seguida publicizada em catálogos e arquivos de registros. Em meio a essas ações, eis que o curador passa a exercer certo protagonismo nas construções de exposições. É um agente que tem por função colocar em

circulação obras que aguçam o pensamento de espectadores, através de reflexão pessoal e relações com os indivíduos em sociedade.

O pensamento e o fazer curatorial, conforme Dutra (2014), precisam se atentar à história da arte, educação e mediação cultural, de forma a articular ações que atendam as funções e objetivos das mais variadas instituições museológicas. Em um museu de arte o setor de curadoria e do educativo são os que refletem a mediação entre obra de arte e público. Isso se dá com base nos contextos e significados interpretados por cada observador. O público a partir do envolvimento com a obra, ativa impressões, dando sentido ao que foi produzido. A forma como curadores dispõem os objetos artísticos e as informações no espaço de mostra, contribui para formação do olhar. O mediador, por sua vez, ao participar do processo, colabora na articulação de possibilidades interpretativas por parte do público. Entretanto, ainda não se tem êxito no diálogo entre esses agentes, sendo que o mediador por vezes, segue coordenado por escolhas curatoriais.

Vale destacar que, existe uma variedade de curadores, sendo que eles atuam mediante o caráter e política institucional vigente em cada museu. Atualmente existem algumas discussões e publicações em torno da temática de curadoria. Contudo, ainda é um campo carente de publicações, e reflexões contemporâneas. O desenrolar das funções de curadores demandam olhares especializados, bem como, boa dose de sensibilidade que lhe permitam as mais distintas proposições artísticas.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA CURADORIA EM INSTITUIÇÕES DE ARTE

Partindo do princípio de que curadoria também é uma forma de criação, Mirian Martins (2014), destaca que o ato curatorial assume dimensões que despertam leituras em espectadores, agregando significativas experiências com arte. As escolhas de um curador podem traçar trajetos expositivos, propiciando diálogos através da disposição de obras. Pode haver ou não ligação entre os objetos artísticos que incitem interpretações peculiares a cada espectador. Algumas curatorias concentram informações de maneira cronológica e discursos direcionados a uma única forma de análise, reduzindo de certa forma, a percepção perante os objetos. Há também por outro lado, curatorias que incentivam o desenvolvimento do olhar, da crítica, de conexões com o universo pessoal de cada indivíduo apreciador.

Quanto às potencialidades da prática curatorial, pode-se afirmar que a mesma contribui para um desenvolvimento de novas maneiras de expor. Atualmente, em virtude da necessidade

de explorar novas formas de organização de mostras de arte contemporânea, rompe-se com os limites impostos pela museologia tradicional. Assim, algumas exposições passam a causar maiores questionamentos e novas proposições de acesso e fruição às obras. Com isso, tem-se a tendência de se construir propostas para além de um único discurso legitimador. Busca-se então, uma forma horizontal de atender aos diferentes interesses de públicos que perpassam o museu.

A curadoria em instituições artísticas promove relação direta com o que por vezes está camuflado na sociedade. As obras de arte, assim como as de arte contemporânea, são portadoras de valores estéticos e sociais. Em meio a isso, convém que as mesmas circulem entre artistas e públicos, tendo o curador como responsável pela disposição desses conteúdos. Dessa forma, convém salientar que a prática curatorial exerça um impacto social e político significativo. A presença de um curador em um museu ou centro cultural é relevante no sentido em que ele é quem reflete sobre a obra de um artista, seleciona, e apresenta certos conceitos em uma exposição. (RIBEIRO, 2015, p. 8).

Enquanto produtora de saberes e conhecimentos, a curadoria é uma potencializadora de sentidos sobre determinada obra. Ela expõe certa visão sobre as obras e impulsiona a troca de ideias. Partindo desse raciocínio, é possível dizer que a prática curatorial ao conduzir a reflexão dos indivíduos, possui minimamente traços de uma vertente pedagógica. Neste sentido, é nítido a importância do curador no museu, tanto em museus consolidados, quanto nos periféricos. A ação curatorial em espaços de mostras tende a disseminar práticas artísticas e deve contribuir com a descentralização da arte, permitindo maior circulação da mesma. Convém pensar também que o curador contribui na formação de público. Para além de produzir grandes exposições, a ação curatorial deve se atentar em expor artistas outsiders, dentre outros artistas que estejam fora do circuito hegemônico de arte, permitindo certa visibilidade e reconhecimento de seus trabalhos.

O curador Cladders (2014, p. 80) no livro “Uma breve história da curadoria”, destaca que, “por um lado, nossa responsabilidade é transformar obras em obras de arte e, por outro lado, preservar aquelas que já são obras de arte, evitar que se tornem antiquadas”. De fato, o autor expressa entusiasmo com o processo curatorial em meio a certa preocupação com a difusão de obras. Ainda nessa mesma discussão Cladders (2014, p. 81) aponta:

Eu não estava interessado em batizar certos estilos ou movimentos, uma abordagem agressiva comum entre os curadores. Eu queria que a arte pudesse falar por si mesma. Sempre considerei a arte como um esforço solitário de alguns indivíduos para criar obras. Achava importante apresentar essas obras de maneira mais pura possível, o que apenas seria possível numa mostra individual. Nunca gostei de exposições nas quais vinte artistas eram mostrados com três obras cada um. Isso não fornece uma imagem clara do artista. O foco principal deve estar nas obras que representam o indivíduo. Por essa razão, raramente organizei mostras coletivas ou exposições temáticas.

As instituições culturais e seus agentes de curadoria, não podem desvincular-se dos artistas. A função de transformar obra em obra de arte deve ser propagada. Outra questão é quanto ao número de visitantes que não deve ser o elemento principal. Sendo que, o fator qualitativo de uma obra, não pode estar atrelado à quantidade de pessoas que visitam à exposição, mas sim ao meio de fruição estética dos mesmos. Para além do negócio da arte, o museu precisa comunicar, estabelecer vínculos com o público a partir de um contexto arquitetônico até outros quesitos de mediação não verbal propostos pela curadoria. Considerando que os museus de arte devem democratizar o acesso, o processo curatorial por sua vez, precisa atentar-se as obras e públicos, seus interesses e as relações com mediadores nas instituições.

1.2 CURADORIA EDUCATIVA

Referenciando a chamada curadoria educativa, Vergara (1996), assinala que essa, cultiva a potência da arte como ação cultural e formação de consciência do olhar. É planejada para conceber espaços de criação por meio de obras. Através dela, apresentam-se informações a fim de que se possa expandir as possibilidades de interpretações. Curadoria educativa não se limita a obras consagradas, mas se amplia para a cultura popular e produção dos próprios visitantes.

Conforme Martins (2014), geralmente a educação vem a reboque e despeito da curadoria através de hierarquias institucionais. Porém, mediadores e curadores do setor educativo contribuem com a formação de públicos. Ambos realizam programação pública em museus, incluindo visitas técnicas, palestras e outros projetos educativos. Ambos desenvolvem também materiais para acompanhar exposições, além de trabalharem com equipes no desenvolvimento de exposições, escrita de textos, painéis e etiquetas.

Reconhecendo o museu enquanto uma instituição educativa, o autor Ott (2008), destaca que esse, para além de ser um espaço passivo de tesouros onde curadores exercem autoridade, passou a ter ações ativas de cunho educacional, envolvendo atualmente mediadores e arte-educadores em variados projetos. Conforme Ana Mae Barbosa (2010), uma das preocupações do Museu de Arte Contemporânea da USP (Universidade de São Paulo), no período vigente de sua gestão na instituição, tinha por prioridade inter-relacionar curadoria, pesquisa e arte-educação, partindo do pressuposto de que tanto o curador quanto o arte-educador são responsáveis por facilitar a comunicação e a apreciação do público. A autora descreve a exposição “Mario de Andrade e as Crianças” que ocorreu no MAC USP, onde curadores e arte-

educadores atuaram conjuntamente estabelecendo a seleção das obras, o conceito, o desenho da exposição até o trabalho de ação cultural realizado com os visitantes. Esse é um exemplo de encontro de ações beneficentes ao desenrolar de instituições culturais.

Barbosa (2010), discute que a relação entre arte-educadores, ou seja, mediadores e curadores se dá no sentido de que ambos possuem o intuito de obter a melhor organização estética para as exposições, de forma a torná-las acessíveis ao público. Contudo, em grande parte dos museus, o mediador é um apêndice, e até mesmo orientado pelo curador, que dita a maneira que deve ser feita e lida a exposição pelo público. Sabe-se que o ato de interpretar uma exposição é um tanto complexo, cabendo assim ao mediador auxiliar o público na busca de seu caminho interpretativo sem impor discursos do curador.

No texto “*Letter to Jane*” (*Investigation of a Function*), tem-se destaque a conexão do ato curatorial e a educação. O crítico Simon Sheikh (citado por O’NEILL; WILSON, 2010, p. 65), aponta que:

O complexo expositivo – com sua variedade de disciplinas e funções e técnicas curatoriais – é, por definição, pedagógico; a função pedagógica não é algo somente pertencente ao departamento de educação (da larga escala de instituições públicas). [...] Talvez, a divisão do trabalho e a histórica divisão entre produção e recepção (conforme descrito com relação ao papel docente e à separação da curadoria da mediação) indiquem que a conexão fundamental entre o expositivo e o pedagógico tenha sido cortada.

Parte dos processos educativos contemporâneos são refletidos em práticas curatoriais em museus. Algumas propostas atuais inclusive aplicam temáticas voltadas à educação. Vale destacar que, essas manifestações partem principalmente de gestores de instituições adeptos a ideias ligadas a questões educativas. Para Santos e Rodrigues (2016), os espaços culturais exigem certa cooperação entre as equipes de trabalho que os compõem, como por exemplo, entre mediadores e curadores. Ambos, possuem a responsabilidade de gerar acentuada comunicação e apreciação por parte do público fruidor.

A valorização de setores educativos nas entidades culturais é vista hoje por muitos agentes como fundamental. O Museu Lasar Segall situado na cidade de São Paulo/SP, é um exemplo de instituição que desenvolveu projetos educativos pensados em conjunto com o setor da curadoria. Algumas Bienais como a Bienal do Mercosul e a Bienal de São Paulo adotaram o termo curador pedagógico em algumas de suas edições, permitindo que educadores contribuíssem até mesmo na seleção de artistas. Muitos dos programas de ações curatoriais feitos por departamentos educativos costumam realizar exposições interativas, visando a participação direta do público com as obras. Figuras como Luiz Guilherme Vergara que dirigiu a divisão de educação do Museu de Arte Contemporânea de Niterói/RJ entre 1996 a 2005; Toby

Jackson – curador fundador em 1988 de programas públicos de educação na Tate Gallery Liverpool situada no Reino Unido são exemplos de propositores de encontros entre o curar e o educar em artes visuais.

Em entrevista de campo feita para o presente trabalho de conclusão, a mediadora 1 abordou que alguns mediadores do museu, promoveram ações de curadoria no período de gestão da Ana Mae Barbosa¹. Conforme a entrevistada, nessa gestão tinha-se a visão de que o educador deveria ter uma pesquisa a ser desenvolvida e aprofundada de forma autônoma, o que infelizmente não persiste nos tempos atuais. A mediadora relata uma de suas experiências com a produção curatorial no projeto “Jogos, brinquedos e brincadeiras”, o qual foi sua tese de mestrado e que gerou um catálogo, espécie de apostila do professor. No período em que a proposta foi realizada, os trabalhos do educativo recebiam boa receptividade.

Uma experiência em curadoria educativa que vai para além propriamente de realizar exposição, foi vivenciada pela mediadora 3 com o projeto chamado “Interar-te”. Em uma das edições do projeto, se trabalhou com grupos de famílias, permitindo que adultos e crianças fossem os curadores. Assim os participantes elencavam obras em determinada exposição e em seguida justificam suas escolhas. Essas ações pretenderam mostrar que existem diversas interpretações sobre uma mesma obra em contextos diferenciados, como destaca a entrevistada:

(...) é importante abrir esses processos de bastidores do museu. (...) até abrindo o olhar, de que quando ele entra numa exposição que é temática, aquilo é um discurso de uma pessoa, e que ele pensou aquela curadoria daquela forma, ele propõe aquela relação, mas não quer dizer que é a única, jamais.

A relação com um objeto artístico, partindo de um contexto narrativo curatorial, geralmente induz para uma leitura, a qual varia conforme o contexto proposto. Entretanto, independente da temática estabelecida em uma mostra de arte, as percepções sobre as obras podem ser infinitas e despertar olhares às várias formas de fruição estética. Em uma curadoria educativa o fator de interação, e de cultivo de novos sentidos tende a ser aflorado, sendo significativo as instituições culturais.

¹ Professora aposentada de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA. É uma das principais referências brasileiras em arte-educação. Desenvolveu, influenciada diretamente por Paulo Freire, o que chamou de abordagem triangular para o ensino de artes, concepção sustentada sobre a contextualização da obra, sua apreciação e o fazer artístico. A pesquisadora foi, também, pioneira a sistematizar o ensino de arte em museus, quando dirigiu o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC.

2. MEDIAÇÃO CULTURAL – CONTEXTO HISTÓRICO E ATUAÇÕES

Por que nos sentimos tão intimidados em espaços culturais, já que esses são preparados para acolher o público? Ou seja, são espaços potenciais de mediação cultural. (UTUARI, 2014, p.26).

É possível afirmar conforme Barbosa (2009) que, o surgimento da função de arte-educador se deu no Victoria and Albert Museum, no ano de 1852. Curadores e arte-educadores eram considerados iguais em uma escala de equilíbrio quanto a suas ações. Referente às questões de mediação cultural e setores educativos no Brasil, essas surgiram no Rio de Janeiro em 1950, propostas por Ecylla Castanheira e Sigríd Porto. A partir do final dos anos 1980 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), sistematizou-se a chamada Proposta Triangular. E em 1990, foi dada maior atenção à educação voltada a museus fazendo com que outras instituições passassem então a criar setores educacionais. Os museus e centros culturais são atualmente cenários propensos a experiências com mediação. Locais que atuam como laboratórios de arte, sendo potenciais a diversos conhecimentos e aprendizagens.

As intenções em agrupar indivíduos em locais de interações e trocas afluíram nos anos de 1980 através da chamada Nova Museologia. Por meio dessa, o museu avançou do âmbito da Museologia Tradicional, em que predominava conteúdos engessados e de difícil compreensão, para então conceber exposições de cunho abrangente com maior participação da comunidade. Morsch (2008), destaca que essa nova concepção museológica apresenta a educação em museus como fundamental no protagonismo de grupos marginalizados. Conforme as Cartas referente a “*Mesa Redonda de Santiago no Chile*”² (1972), o movimento em prol da Nova Museologia foi criado em 1984 durante o Primeiro Atelier Internacional de Ecomuseus e Nova Museologia em Quebec. A partir de então, o conceito de museu passou a ter foco em funções sociais e educacionais, refletindo-se em boa parte dos museus ao redor do mundo.

Dentre as resoluções e recomendações organizadas pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e adotadas pela Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), tem-se:

² Evento que ocorreu no Chile entre o período de 20 a 31 de maio de 1972 a pedido da Unesco e organizado pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). Promoveu discussões em torno da função social de instituições museológicas, resultando em um documento que ressalva a importância dos museus no mundo contemporâneo, sua contribuição para os planos educativos e de desenvolvimento social. (IBRAM, 2014).

Que o museu, agente incomparável da educação permanente da comunidade, deverá acima de tudo desempenhar o papel que lhe cabe, das seguintes maneiras: a) Um serviço educativo deverá ser organizado nos museus que ainda não o possuem, a fim de que eles possam cumprir sua função de ensino; cada um desses serviços será dotado de instalações adequadas e de meios que lhe permitam agir dentro e fora do museu; b) Deverão ser integrados à política nacional de ensino, os serviços que os museus deverão garantir regularmente; c) Deverão ser difundidos nas escolas e no meio rural, através dos meios audiovisuais, os conhecimentos mais importantes; • d) Deverá ser utilizado na educação, graças a um sistema de descentralização, o material que o museu possuir em muitos exemplares; e) As escolas serão incentivadas a formar coleções e a montar exposições com objetos do patrimônio cultural local; f) Deverão ser estabelecidos programas de formação para professores dos diferentes níveis de ensino (primário, secundário, técnico e universitário).

Ancorando-se em uma perspectiva de ações educativas em museus, a mediação cultural tende a ser vista em um contexto institucional como prática criativa, intelectual e de fomento à prática educacional. Entretanto, não deve ser encarada como ilustração ou tradução literal de algo concebido, mas enquanto processo poético. Os autores Johann e Roratto (2010) destacam que as funções do mediador se adaptam mediante as propostas educativas oferecidas por museus. Quanto mais diversificadas forem as propostas pedagógicas ou expositivas, mais se ampliará as atuações dos sujeitos que atuam nesses espaços. Os autores (2010, p.06), afirmam que, “a mediação é ação que pretende descortinar horizontes da obra, sem a pretensão de esgotá-la ou dizer a sua verdade”. A prática da mediação vinculada ao campo institucional, reflete-se boa parte em propostas pedagógicas, programas de viés educativo frente a difusão de obras em museus. Um setor que ainda se encontra em posição secundária no sistema das artes.

Ao indicar uma discussão quanto ao fenômeno da mediação cultural em museus de arte, pode-se dizer que, a atuação do mediador busca aproximar indivíduos da arte através de diálogos de saberes inerentes à obra. Para Darras (2009), existem duas abordagens de mediação, sendo a abordagem diretiva resumida a uma única possibilidade de compreensão e a construtiva que visa a várias formas interpretativas. Em meio a isso, a figura do mediador atua enquanto um questionador, problematizador, impulsionando novas maneiras de olhar e ler uma obra. Convém ao mediador fomentar questionamentos para além do que é visto nas exposições. Ações que ativam a percepção, interrogações e desenvolvimento de reflexões. As obras devem ser difundidas de forma bem fruída e por meio de diálogos em posição de igualdade com os visitantes.

Bourdieu e Darbel (2007), expõem que a compreensão da obra de arte e a decodificação de seus códigos podem se dar por meio de educação, seja essa familiar e/ou escolar. A aprendizagem e contato com experiências estéticas ocorre ao longo da trajetória de vida de cada indivíduo nos diversos campos sociais. Dessa maneira, deve-se considerar as desigualdades de

acesso cultural existentes, que ocasionam em ausência de domínio de seus códigos em especial a classes menos privilegiadas socialmente. Referenciando o contexto de repertório cultural, Donato (2014, p. 84), reflete que a partir de:

(...) histórias de vida e transformações surgem questionamentos sobre os conceitos prestabelecidos em arte, em cultura e o papel do educador como um aproximador da obra com o público, ao mesmo tempo em que instiga tal público a analisar tal obra, a contestá-la sem receios se assim for necessário no processo de compreensão da arte, a expressar com sentimento crescente as sensações que a obra desperta, atento as intenções, manipulações, inquietações e reflexões. Diz-se aqui entendimento crescente, pois o contato com a arte, através de uma mediação fecunda faz com que seu público penetre cada vez mais profundamente no mundo da arte, entendendo-a, captando-a, conectando-se, fazendo parte dos universos culturais, dialogando com as diversas linguagens artísticas.

Em contraponto ao fator de disparidades existentes entre os vários espectadores de obras de arte, pode-se considerar que os fatores de fruição por parte de um público leigo não estão estritamente ancorados em saberes técnicos e teóricos, mas também em bagagens de experiências vividas ao longo da vida. Há que se salientar também que, ações de educação não-formal podem ao menos parcialmente suprir possíveis lacunas existentes quanto à desvantagem daqueles que não possuem certa familiaridade com obras, dando autonomia e aportes quando necessários.

São de certa forma desafiadores os caminhos que incentivam a frequência aos museus de arte, porém, é de fundamental relevância que exista o fator de responsabilidade educacional por parte das instituições. Enquanto uns se relacionam com a arte de forma independente, existe uma parcela de públicos que demandam contínuos incentivos à educação em museus. Há então uma necessidade de que instituições culturais invistam em propostas educativas de valorização à formação de público nesses espaços. A mediação atua como interlocução que torna a ação educativa em ensino de arte coletiva, sendo que “o caráter social de formação de público é evidenciado e atingido com a efetivação de programas educativos” (PINTO, 2012, p. 106).

As autoras Cabral e Rangel (2008, p. 162), afirmam que “é o setor educativo de um museu que faz a ponte entre ele e o público”. Dessa forma convém lembrar que, a área educativa deve estar presente em todas atividades do museu, inclusive na idealização e montagem das mostras de arte. Farias (2007), destaca que a mediação é um fator de aproximação e não deve partir de ações simplificadoras entre obra e público, nem reduzir a complexidade de trabalhos apresentados. Todavia, precisa garantir fruições e busca de várias formas de interpretações. Sobre esse fator Eco (1969), aponta que, uma obra potente é aquela que permite abertura a uma diversidade de percepções com os diferentes públicos.

Os sentidos atribuídos às obras de arte são resultados por vezes de experiências estéticas em que os espectadores ao fruírem de objetos em mostras artísticas agregam significações. Sendo assim, uma obra não deve se restringir a uma única forma de compreensão, mas ser aberta, gerar provocações, causar estranhamento, fazer o público questionar, criticar e realizar leituras ampliadas. Os sujeitos apreciadores precisam ter liberdade de opiniões mediante os objetos de arte, para além de narrativas pré-estabelecidas, seja por curadores, mediadores ou qualquer agente de um museu e espaço cultural. As trocas e diálogos são fundamentais nos espaços de mostras para que o público exponha seus próprios contextos interpretativos.

A atuação do mediador em museus não deve ser proposta de forma improvisada, embasando-se apenas em questões simplórias, mas sim promover encontros com obras de maneira intensa. Convém apontar que, os diálogos estabelecidos entre mediador e público não podem se restringir a respostas prontas e objetivas, mas precisam provocar reflexões em meio à contemplação. O espectador tem que ser estimulado a pensar, criar, imaginar e perceber leituras para além do que o artista quis dizer mas o que a obra diz a cada um no exato momento e contexto em que é experienciada (JOHANN; RORATTO, 2010, p. 04).

Ações fundamentadas no encontro entre obras, espaço museológico e museográfico podem contribuir com noções interpretativas. Refletindo ainda sobre o ato mediador, Mirian Martins (2014), faz referência a aspectos em torno das diferenças entre apresentar, explicar e interpretar em mediação cultural. O apresentar para a autora, assemelha-se à introdução de conteúdos, que se distancia da ideia de aprendizagem e compreensão. A mediação suscita encontros com arte e cultura, promove vínculos com à poética de obras e conseqüente experiência estética. Porém, convém atentar-se para as peculiaridades de cada indivíduo e suas respectivas formas de contato com arte. Não existem receitas nem fórmulas prontas para uma perfeita mediação, pois essa pode ser problemática na medida em que a arte gera sensações que não devem ser simplificadas nos sujeitos, mas ampliadas, garantindo que a obra seja apresentada em suas várias possibilidades de fruição.

Contextualizando a ação de mediação de obras de arte, pode-se citar a atuação de Andrea Fraser³ que atendendo a uma performance intitulada *Museum highlights: a gallery talk*, realizou em 1989 uma contundente crítica aos esquemas de projetos de educação em instituições culturais. A ação consistiu em uma simulação de visita ao acervo do Museu de Arte da Filadélfia

³ Andrea Fraser é uma artista de performance e vídeo. Nasceu em 1965 e é conhecida principalmente por ser pioneira na crítica institucional, sendo que seu trabalho estrutura-se em torno de práticas e de protocolos de museus e galerias existentes. (Art Institute Chicago. Disponível em: <<http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/193356>>. Acesso em: 16 junho 2017).

(EUA). Durante a visita ao museu a guia (Figura 01), faz referência a processos de mediação difundidos em alguns museus e aplica elogios exagerados aos objetos que encontra, destacando elementos de infra-estrutura da instituição e aspectos de gosto pessoal sobre as obras. É fundamental destacar que a mediação encenada por Fraser não pode ser vista de forma generalizada, mas sim, enquanto uma crítica a ser revista por algumas instituições que reproduzem conceitos equivocados do mediar. Confundindo por vezes, mediação com animação cultural, monitoria e agitação cultural.

FIGURA 01 – Registro de performance realizada por Andrea Fraser no Museu de Arte da Filadélfia (EUA).



O contexto de proposição de ações mediadoras não está atrelado apenas a concepção de materiais educativos, formação de educadores e de públicos. Consiste também na realização de visitas e diálogos que podem atrair ou inibir os visitantes. É estar entre encontros, trocas, incertezas, provocações, relações com arte, artistas, curadores, público e todos envolvidos com a disseminação de experiências estéticas. Mediar é uma das funções do processo de atuação do mediador, dentre outras ações que circundam fazeres do setor educativo em instituições culturais. Um trabalho que gira em torno da fala, da escuta e de processos, que por vezes, precisam ser acelerados e em outros momentos exigem lentidão (MARTINS, 2014, p.228).

Existe certo consentimento tradicional de que a mediação cultural em museus atua enquanto promotora de verdades, com base muitas vezes em discursos pré-determinados. É importante, entretanto refutar essas ideais, de modo a construir discussões acerca do mediar como algo que atua mediante referências para além dos temas tratados por obras. Mediação ocorre também tangenciando diferentes pontos de vista e ativando significativos debates. Os

agentes de mediação precisam apreender com os contextos e pessoas que circulam ao seu redor. Respeitando inclusive, a liberdade dos sujeitos que optam por visitas autônomas e individuais.

2.1 MEDIANDO EXPERIÊNCIAS COM ARTE CONTEMPORÂNEA

Várias são as discussões que circundam conceitos referentes à arte contemporânea e à mediação da mesma. Os embates sobre a comunicação entre obras e públicos atingem artistas, curadores, mediadores, dentre outros agentes. As questões em torno da experiência estética voltada ao contemporâneo perpassam o cultivo de sensibilidades, acesso cultural e também por decifrar enigmas que se alteram conforme as vivências de cada ser. É necessário dar abertura a sentidos e sensações que promovam significados no momento da fruição estética. Cada experiência com arte é singular e intransferível. A autora Rita Demarchi (2014), descreve que em meio aos momentos de apreciações não se deve adotar postura acrítica perante as obras, pelo contrário, convém analisar os conteúdos expostos, distinguindo o que for relevante. Ela destaca que é necessário “fazer uma seleção diante da overdose de criações e meios que trazem obras de todos os períodos, inclusive o atual” (2014, p.76).

Dewey (2010), expõe que a experiência estética está associada à ativa percepção por parte do apreciador. Havendo excesso de informações que visem “explicar” a obra, acaba-se por não deixar lacunas ao olhar investigativo, criativo e curioso na busca de possibilidades de interpretações. Apesar de a experiência ser pessoal, pode-se pensar na apreciação junto a grupos de pessoas e mediadores. Processo esse que pode contribuir com o transcender de experiências e encontros.

Pode-se afirmar que os espaços de mostras de arte contemporânea são potenciais à fruição estética. Cenários que em sua maioria instigam o olhar, o ouvir e outros sentidos em prol de interpretações. Para Duchamp (1975, p.74), “o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador”. Dessa forma atua com o coeficiente artístico que se refere ao fato do público atribuir o valor da obra e participar de sua criação.

Conforme Donato (2014, p.84-85):

O artista aprende com as respostas do ser, o mediador aprofunda-se juntamente com o público, novas possibilidades são consideradas para a interpretação da arte. Considerações de um historiador ou crítico não só podem, como devem ser questionadas. O pensamento crítico para um mediador é a menina dos olhos de seu trabalho. Desenvolver um pensamento crítico com argumentações pertinentes, livre de conhecimentos de gaveta, onde somente se repetem conceitos já pensados e formatados, é o principal objetivo do mediador cultural.

É cabível destacar que, algumas instituições educacionais, ainda atuam com formas prontas e evitam reflexões aprofundadas em arte contemporânea. Há que se apontar também que muitos professores do ensino de educação formal vivenciam dificuldades no que tange a materiais educativos de subsídios a provocações artísticas contemporâneas. Cabe então ao mediador no âmbito do ensino não-formal promover diálogos e fruições com obras contemporâneas. Alusivo a isso Bonci (2014, p.164) afirma que, “a intervenção pedagógica desenvolvida como um disparador estético, associada a ação mediadora, sempre trará ao processo criativo a possibilidade de novas representações, novos olhares sobre aquilo que se percebe e o que se sente, proporcionando o diálogo entre escola e instituições culturais”.

Um exemplo prático de parceria entre escolas e museus é um projeto desenvolvido no Museu Serralves na cidade do Porto em Portugal. Por ser um espaço destinado a difusão de arte contemporânea acabou atraindo nossa atenção para uma breve visita de campo. E também pelo fator de incluir programas educativos, atrações artísticas, dentre outras atividades culturais. Além de espaços expositivos internos, o museu possui um parque que também inclui algumas obras destinadas a fruição por parte do público.

Em conversa com um dos educadores do Serralves, foi possível identificar que a ação do setor educativo em parceria com escolas portuguesas, ocorre anualmente e consiste na realização de oficinas culturais, as quais se desdobram em atividades práticas realizadas pelos alunos e que após concluídas ficam expostas em uma sala destinada ao Serviço Educativo do Museu. A proposta lançada e concluída no ano de 2017, instigou crianças a criarem jogos dos mais variados, os quais ao ficarem prontos, foram expostos, permitindo a interação dos mais diversos públicos. A mostra teve por título: “A Curiosidade como Elemento Pedagógico”. As figuras 2 e 3 apresentam dois registros da exposição. A primeira figura mostra parte da disposição dos objetos. A segunda figura, exhibe visitantes interagindo com as obras e mediadoras.

FIGURA 02 – Sala de exposição do serviço educativo do Museu Serralves/Portugal.



FIGURA 03 – Interação de público com a mostra “A Curiosidade como Elemento Pedagógico”.



Observar distintas formas de mediação e percepções de ações mediadoras, sem dúvida contribui para análises de processos em experiências estéticas. Para Utuari (2014), a experiência em arte é intransferível e peculiar ao íntimo de cada um. Através de proposições mediadoras pode-se estabelecer contatos com arte como identificar recursos significativos as formas artísticas. Martins (2014, p.210), destaca que “além dos mediadores culturais e da própria obra de arte como mediadora, podemos contar com curadorias em exposições e museus que criam espaços potenciais de encontro com a arte”. De igual forma, os catálogos de exposições, livros de arte e a própria experimentação artística também são contributos à mediação. Convém

salientar que, a aproximação com a arte provém inicialmente do próprio indivíduo espectador com seus conhecimentos. Por seguinte, através da mediação se promove o compartilhamento desses saberes.

Em entrevista realizada para presente pesquisa, a mediadora 1 explanou sobre a importância em se promover encontros com arte. Sendo que, tudo vai depender do acolhimento do público para com o mediador. A partir do momento que o mediador é acolhido por um grupo, em seguida acolhe o grupo, criando-se uma ponte de diálogos e reflexões. A mediadora 3, apontou que, o ensino de educação não formal pode ser relevante, pois a educação formal limita-se a sala de aula. Dessa forma, a fase escolar tende a permear um período da vida. Após isso, é preciso que as pessoas façam usufruto de espaços culturais. Para a entrevistada as várias linguagens artísticas são importantes na constituição do ser humano e organização da mente. Ela pensa que a atuação do educativo enquanto um setor da instituição, está voltado para a iniciação de muitos públicos, tanto público mais habituado, quanto os que são menos habituados a visitar museus.

Eventualmente, há agendamentos de pós-graduação e de graduação para o educativo também receber, já a gente vai ter um aprofundamento nessas questões, porque eles trazem informações que são outras, mas a gente sempre parte de um processo de diálogo, de conversa e de troca. Porque, isso é estar em grupo no museu, e essa é a importância da mediação no sentido de que você vai acolher e inclusive vai aprender com muitas pessoas nessa roda de conversa, porque você visitar sozinho o museu é diferente ou você visitar com um curador, com um especialista é diferente de você está em grupo e poder ouvir a opinião do outro ou a experiência do outro e esses conhecimentos e essas percepções que as pessoas tem de diferente. E isso é o bacana de estar em grupo, inclusive de, não só no museu, na mediação não formal como na formal. (Mediadora 3, 2017).

Nota-se que a relevância de ações mediadoras está atrelada a questões de encontros e diálogos provocados entre públicos e obras, assim como, o compartilhamento de experiências interpretativas que são diversas e ocorrem em meio a contextos de objetos artísticos potentes a fruição. Isso, considerando tanto o público habituado a frequentar exposições de arte, quanto ao que tem menos acesso. Através de uma visita é possível aprofundar informações, realizar trocas entre público e mediador, assim como, vivenciar contatos com obras de arte, que podem passar a existir a partir desses encontros.

2.3 POLÍTICAS CULTURAIS NOS CAMPOS DA MEDIAÇÃO E CURADORIA EM ARTES

O presente subcapítulo, pretende estabelecer uma reflexão sucinta em torno do contexto de políticas na área da mediação e curadoria em artes. Sabe-se que políticas públicas aplicadas a esses setores são de grande importância para privilegiar os agentes envolvidos. As novas gerações de públicos, crianças, jovens precisam de atenção por parte do Estado, pois são os possíveis futuros frequentadores dos espaços culturais. Incentivos à produção, difusão, formação, apoio à mediação ainda são poucos na atual conjuntura. Não havendo ainda uma política específica para mediação e curadoria instaurada.

Em meio a alguns retrocessos ligados à área de mediação, pode-se citar conforme Martins (2014), a “Casa Daros” no Rio de Janeiro, a qual realizava excelentes trabalhos voltados ao educativo, e tinha por slogan “Arte é educação”. Essa proposta, em virtude da falta de incentivos encontra-se atualmente fechada. Entretanto, existem instituições como, Museu de Arte do Rio (MAR) e a Pinacoteca de São Paulo, por exemplo, com um olhar para ações educativas que contribuem para provocação de diálogos entre públicos e obras. Claire Bishop (2012, loc 4725) apud Martins (2014, p. 227):

A primeira metade do ano 2000 marcou o aumento de projetos pedagógicos empreendidos por artistas [...] artistas e curadores tem se comprometido de modo crescente com projetos que apropriam dos temas da educação como método e forma: conferências, seminários, bibliotecas, salas de leitura, publicações, ateliês e inclusive escolas completas.

No campo das bienais, pode-se citar as Bienais do Mercosul que a partir de sua sexta edição passou a contar com a chamada curadoria pedagógica, assim como a Bienal de São Paulo que após algumas edições aderiu tal proposta. Em meio a essas ideias, eis que as bienais procuram integrar o projeto pedagógico com o projeto curatorial, buscando implementos teóricos e práticos aos conceitos que inspiram a concepção do projeto expositivo. Um exemplo disso, foi a oitava edição da Bienal do Mercosul que teve participação do curador pedagógico na seleção dos artistas, não só dos programas mas também das mostras, propondo também estratégias expositivas. Para além disso, em colaboração com a curadoria geral conceberam um espaço educativo, criação e diálogos. (HOFF, 2013, p. 84).

Referenciando a um contexto histórico das políticas culturais no Brasil, Rubim (2007), relata que a tríade de ausência, autoritarismo e instabilidade vem permeando os processos culturais ao longo da história, demandando investimentos até os dias atuais e atingindo as várias linguagens artísticas. Quanto aos espaços de mostras de arte, muitos carecem de incentivos a

projetos de mediação cultural e fomento a acesso de bens. Diversas instituições, por vezes, recebem incentivos a preservação física e não necessariamente a difusão e acesso a obras. Importante destacar que o Estado possui a incumbência de promover acesso a instituições museológicas, assim como criar fóruns de capacitação para os setores educativos desses locais. Os museus precisam disseminar atividades educativas, culturais e manter o reconhecimento de mediadores, curadores frente a suas ações.

Quanto a questão de formação dos profissionais do campo da mediação, é possível dizer que sofreu alguns avanços, principalmente no quesito de especialização, onde universidades, como por exemplo, a Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Federal de Pelotas, dentre outras, passaram a ofertar cursos de mestrado e doutorado com linhas de pesquisa como, “Fundamentos e Ensino e Aprendizagem da Arte”, “Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural”, “Ensino da Arte e Educação Estética”. Em meio a teses e dissertações frutos desses cursos, surgem algumas discussões significativas ao debate da ação de educadores, curadores e agentes de museu. Atualmente no estado de São Paulo, existe a “Rede de Educadores de Museus” (REM-SP), que promove encontros, fóruns de discussão, feira de trocas de materiais educativos, oficinas e que através de uma página nas redes sociais mantém divulgação de eventos que ocorrem ao redor do país, ligados a educação e museus.

Um exemplo de ação interessante de discussão no campo da mediação e curadoria é a Associação Cultural Fórum Permanente⁴, a qual atua como uma plataforma para ação e mediação cultural, nacional e internacionalmente no sistema de arte contemporânea. Entre as principais iniciativas do Fórum Permanente incluem a curadoria de eventos discursivos, organização de oficinas sobre curadoria, coordenação de pesquisas, organização de publicações especializadas, divulgação de eventos relacionados com arte contemporânea e instituições de arte, streaming on-line de atividades e publicação de relatos críticos sobre essas atividades. O Fórum Permanente concentra suas atividades em São Paulo, mas já apoiou eventos em outras cidades, como Recife, Salvador, Madri e Arnhem, buscando descentralizar-se. Entre as edições das revistas do Fórum Permanente, a sexta edição privilegiou discussões protagonizadas pela temática da mediação cultural e curadoria. Uma proposta de exposição de ideais por parte de

⁴ A plataforma Fórum Permanente, realiza parceria com agências estrangeiras culturais e para além disso, conta também com o apoio institucional da USP- Universidade de São Paulo, em particular da ECA-Escola de Comunicações e Artes e do CCE-Centro de Computação Eletrônica. O site inicial foi desenvolvido no ambiente da Incubadora Virtual de Conteúdos de Qualidade da FAPESP (2004-2008) e conta ocasionalmente com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. (Fórum Permanente. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/sobre>.> Acesso em: 05.07.2017.

escritores, pesquisadores e com aporte significativo de referenciais diversos. Em 2006, houve o 1º Encontro das Ações Educativas em Museus da Cidade de São Paulo, conteúdo do evento mantém-se disponível na página do Fórum permanente que contou com apoio da Prefeitura de São Paulo.

Convém que, as políticas públicas em cultura, se voltem para a promoção de diálogos entre curadores e mediadores, tanto dentro como fora das instituições. São processos que ocorrem através de uma construção política, a qual precisa ser debatida. Mesmo com algumas barreiras existentes, foi possível alcançar alguns avanços significativos, mas que precisam ser reparados e acompanhados com maior atenção. Questões que demandam tempo tanto por parte de agentes políticos, quanto pelos atuantes das áreas aqui referenciadas.

3. MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA - USP

A instituição MAC da Universidade de São Paulo existe desde o ano de 1963, quando recebeu doação de acervo do MAM/SP (Museu de Arte Moderna da cidade de São Paulo) e da Bienal do estado. Coleções que pertenciam ao casal de mecenas, Yolanda Penteadó e Ciccillo Matarazzo. Ao longo desse tempo foi conquistando novos acervos, chegando a ter atualmente, cerca de dez mil obras de movimentos da arte moderna e contemporânea. Por ter um caráter de cunho universitário, o museu busca realizar ações de ensino, pesquisa e extensão, incentivando o fomento à produção artística contemporânea. A entidade possui equipes de pessoas vinculadas à Divisão de Pesquisa – Teoria e Crítica de Arte que atuam organizando curadorias de exposições permanentes e temporárias. Além disso, tem equipe de conservação e restauro, departamento de serviço educativo que conta com quatro educadores, dentre outros funcionários e agentes. Funciona de terças a domingos em horário comercial e possui acesso gratuito.

Localizado na região Sul da cidade de São Paulo, o MAC USP é dirigido por Carlos Roberto Ferreira Brandão e pela vice-diretora Katia Canton. A instituição recebe bolsistas estudantes da Universidade de São Paulo, advindos de cursos de Letras, Pedagogia, História, Geografia, Artes Visuais, dentre outros, os quais atuam grande parte em ações educativas dando apoio e assistência aos educadores. O museu funciona em um edifício que se divide em dez andares, sendo oito destinados a conteúdos expositivos. O último andar está reservado à apreciação da vista do terraço do prédio e, futuramente comportará também um restaurante. Atualmente o museu realiza divulgações de suas programações por meio de cartazes, folhetos e também em redes sociais virtuais específicas da instituição.

O contato inicial com a instituição se deu a partir de uma visita in loco. Eis que a proposta da pesquisa foi apresentada ao serviço de recepção e em seguida encaminhada ao Departamento Educativo que prontamente manifestou interesse em contribuir com o presente trabalho. Quanto ao setor de curadoria, convém destacar que houve alguns obstáculos na concretização de contatos.

Dentre os atuais projetos educativos em desenvolvimento no MAC, pode-se citar o “Acervo: roteiros de visitas”, “Arte mais perto”, “Encontros Contemporâneos”, “Histórias de arte para crianças: encontro entre livros e obras”, “Interar-te – Famílias no Museu”, “Lazer com Arte para a Terceira Idade”, “MEL – Museu, Educação e o Lúdico”, “Poéticas Visuais em interação”, “Ver e ler – Programa educativo para jovens e adultos iletrados no MAC” e “Inclusão Socioeducativa e Cultural Viva Arte!”. Para além desses programas o MAC também

realiza ações esporádicas de “Música no MAC” e cursos e workshops, como por exemplo, “Filmes e vídeos de artistas – experiências curatoriais”, “O papel do museu de arte dentro do contexto contemporâneo” e “Desenho da paisagem, da cidade e do Museu”. Todos desenvolvidos e coordenados pela equipe do setor educativo.

O MAC, atuou ao fim dos anos de 1980 como uma espécie de laboratório da Proposta Triangular, a qual deu destaque a visualização ao vivo de obras de arte e aborda o programa do ensino de artes a partir de ações do contextualizar, do fazer e do apreciar. A instituição para além do acervo de obras, possui a Biblioteca Lourival Gomes Machado, instalada atualmente no edifício do MAC com amplo estoque de livros, periódicos, slides, catálogos e jornais sobre artistas e obras de arte.

Quanto ao público atual do museu, conforme entrevista com mediadores da instituição, esses apontaram receber principalmente graduandos, professores, estudantes de educação infantil, fundamental, ensino médio e público da terceira idade os quais realizam visitas e também participam de ações educativas do museu. Os visitantes em sua maioria são residentes da cidade de São Paulo, entretanto, o museu também recebe expressivo público de cidades do interior do estado e de outras regiões. Tem-se destaque também para grupos de famílias que participam tanto de visitas agendadas, como de oficinas e projetos educativos. Para além disso, acolhe um público espontâneo, o qual visita as exposições sem agendamento prévio. Em geral, os frequentadores são diversificados e devido a isso acabam por demandar instrumentos que facilitem o acesso, como ampla divulgação das mostras e outras ações.

Em entrevista com educadores do museu, notou-se que o público escolar é significativo em relação aos outros. Diariamente o museu recebe grupos escolares, sendo que as crianças de escolas públicas são acompanhadas por mediadores da instituição, porém, os de escolas particulares, são mediados por professores e atuantes da entidade de origem. O MAC é propenso também a receber turistas, pessoas que circundam em seu entorno, como ciclistas e outros que transitam no parque Ibirapuera, o qual situa-se em frente ao museu. Uma localidade que permite a difusão de diálogos e sociabilidade entre os vários públicos.

O mediador 2 destacou que, existem alguns casos de pessoas que adentram ao museu, por vezes, somente para ver o gato (Figura 04) que chama atenção até mesmo visto do lado de fora. É uma obra que atrai significativamente o público, pelo fato das pessoas poderem tocar na obra e fazerem registros fotográficos com maior liberdade de interação. Em outros casos, alguns entram por necessidade de ir ao sanitário ou unicamente para ir ao café. Contudo, tem um público que reside próximo a região do museu, os quais possuem certo interesse em realizar visitas. Existe também, artistas e produtores culturais que visitam a instituição, bem como,

alunos de escolas de Arte, Arquitetura e de Ciências Humanas. Quanto a faixa-etária, pode-se dizer que é diversa, entretanto, o setor educativo trabalha com público a partir dos 5 anos de idade. Não existem projetos voltados para bebês, por exemplo. Porém, as famílias têm liberdade de visitar tranquilamente o museu com crianças pequenas.

FIGURA 04 - Obra da artista contemporânea Nina Pandolfo.



Conforme o mediador 2, o MAC por ser um museu universitário, tem um grande potencial de contribuir no processo de formação escolar, seja da educação formal ou não. No campo de investigação de questões estéticas, de filosofia da arte e de outras disciplinas, o museu possui relevância fundamental no sistema educativo.

3.1 AÇÕES EDUCATIVAS DO MAC USP

Os programas no âmbito educacional do MAC foram instituídos desde a década de 1970, quando Walter Zanini dirigia a instituição. Com isso, visou-se inter-relacionar curadoria e arte-educação, compreendendo os dois campos como propensos a difundir apreciação de obras ao público em geral. Conforme Barbosa (2008), a exposição “Mário de Andrade e as Crianças” contou com a participação de curadores e educadores que em conjunto definiram escolha das obras, bem como, desenho expográfico da mostra. Em contraponto a isso, a autora cita a exposição “Lygia Clarck e Hélio Oiticica” que teve tradicionalmente a orientação de uma curadora em detrimento a educadores. Mesmo sendo uma mostra que permitia manipulação de obras por parte do público, não havia um pensamento crítico aprofundado sobre conceito

estético. Certamente, se houvesse a participação de educadores na concepção da mostra, outras possibilidades de experimentações poderiam ser ter sido suscitadas.

Ana Mae Barbosa (2008), expõe que o setor educativo do MAC, além de ser responsável por cursos destinados aos seguranças do edifício, também coordena estágios dos setores de biblioteca, restauro, divisão científica, divisão de difusão cultural, comunicação visual, que atende atualmente bolsistas das mais diversas áreas como Letras, História, Geografia, dentre outras.

Mediante dados do Glossário da Revista Museu (2010), ações educativas são:

“Procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades. Pode estar voltada para a transmissão de conhecimento dogmático, resultando em doutrinação e domesticação, ou para a participação, reflexão crítica e transformação da realidade social. Neste caso, deve ser entendida como **uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca**. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida desta maneira, a ação educativa nos museus promove sempre benefício para sociedade, em última instância, o papel social dos museus”. (grifo nosso).

Baseado nessas definições, pode-se apontar que as escolas são instituições importante nos processos de apropriação, tendo como aparato as visitas realizadas a museus. Nesse sentido é de fundamental importância que ações culturais sejam promovidas por meio de políticas públicas, aliadas às ações de cunho pedagógico (educativa e participativa) envolvendo a comunidade escolar nos diversos municípios existentes. Ações educativas podem também se estender a outros perfis de públicos, favorecendo a formação de indivíduos críticos. Ademais, prioriza-se a prática da desconstrução do espaço museal como unicamente um espaço das elites. (SANTOS e RODRIGUES 2016, p. 04).

Em entrevista realizada com educadores do MAC USP, alguns projetos foram relatos por parte de seus respectivos coordenadores. A mediadora 1, destacou que todos os projetos educativos desenvolvidos têm como eixo principal o acervo do museu e atendem a difusão cultural e de extensão universitária com os diversos públicos do museu. Um projeto pelo qual a entrevistada é responsável, é o “Museu, educação e lúdico”, uma proposta voltada para o público infantil, no qual desencadeia-se ações de interação com jogos. O objetivo da atividade é de que a criança queira retornar ao museu e reviva experiências de fruição. Outro programa em que a mesma coordena é o “Acervo: roteiros de visitas”, que visa aproximar professores e alunos de obras do acervo do MAC. A partir de materiais didáticos, tem-se a intenção de que o professor tenha maior autonomia ao percorrer as exposições juntamente com os alunos.

Os educadores do MAC realizam cursos para professores em períodos de férias. Muitos deles, buscam incentivar o olhar para arte contemporânea, afim de os docentes levem a seus alunos conteúdos para além do consumo de massa. Os cursos são feitos também com intuito de que professores visualizem o museu enquanto um espaço de possibilidades de apreciações, sem idolatrar a figura do artista. Conforme a mediadora 1: “O artista é um ser humano como todos os outros. Ele é um trabalhador, que tem que ter disciplina. Ainda se mistifica essa figura do artista, que não é verdade. E tem o sistema da arte, que é corrupto também”. Em virtude disso, é fundamental relativizar essas questões para que a figura do artista não seja colocada em um pedestal na sala de aula.

O projeto “Lazer com arte para a terceira idade” é desenvolvido pelos quatro educadores do museu. Consiste em um curso que se desdobra no período de dois meses através da aplicação de oficinas nas linguagens de livro de artista, fotografia, xilogravura e desenho. Prioriza-se sempre a ponte com acervo do museu, onde à princípio se observa as obras, depois dialoga-se sobre as mesmas e em seguida se produz atividades em ateliê. Em uma incursão de campo realizada no dia 20 de setembro de 2017, foi possível acompanhar uma oficina de desenho com o público da terceira idade. A partir dessa vivência, foram identificados aspectos interessantes de desenvolvimento da criatividade e singular expressão. Ao som de música clássica, os participantes foram instigados a realizar desenhos com enfoque na observação de pontos de luz refletidos em objetos. A diversidade de resultados alcançados com a oficina foi significativa e refletiu as várias possibilidades de se desenvolver uma mesma temática.

Em um momento de diálogo, o mediador da oficina perguntou aos participantes: “Quem já acabou?”, logo em seguida uma senhora respondeu: “Ah isso nunca acaba, não tem fim a produção de uma obra!”. Percebe-se nesta fala certo encantamento com o fazer artístico. A espontaneidade da participante foi expressada de forma a provocar discreta reflexão no grupo e até mesmo no mediador a respeito do processo de criação.

FIGURA 05 – Grupo da Terceira Idade em oficina de desenho.



FIGURA 06 - Pormenor de desenho de um dos participantes da oficina de desenho.



A mediadora 3, relatou sobre um projeto que coordena voltado para as famílias. O programa chama-se “Interar-te”, e existe há 12 anos no MAC USP. O projeto ocorre uma vez por mês, sendo uma sessão aos sábados pela manhã. Uma ação que trabalha a partir de obras originais e em um segundo momento com uma produção que pode ser prática ou mais reflexiva. A mediadora destacou que a participação do adulto, e a convivência dele com as crianças proporciona trocas intergeracionais, o que é bem significativo para o programa. As famílias não são estritamente só os pais, mas existe um contexto ampliado de participantes, incluindo

amigos, tios e toda a gama de adultos que podem estar proporcionando essa experiência com os menores.

O “Interart” possui também edições especiais, onde artistas são convidados a apresentar obras na exposição e em seguida realizam oficinas com as famílias. O programa tem por objetivo propor que as famílias compareçam de forma espontânea, e por isso, não se exige inscrições antecipadas. Conforme a mediadora 2, é sempre preparado um material para um número de participantes em que seja possível acomodar, porém às vezes comparecem mais pessoas, as quais também são minimamente acomodadas. Um dos objetivos do projeto é que o público compareça de forma espontânea, partindo do interesse pessoal das famílias para que assim, a atividade flua bem. O acompanhamento dos adultos com as crianças, ocorre durante toda ação, sendo que há desafios para ambos como destaca a mediadora 3:

Às vezes os menores são colegas dos maiores, iaí cada um faz sua produção e eles discutem juntos ao final, é uma forma de se conhecerem, conhecerem os pontos de vista. Ou as vezes o adulto ele é assistente do jovem ou do menor. A gente já fez xilogravura mesmo com crianças, então a imagem era criada pela criança, o adulto gravava e depois eles entintavam juntos. Então, ou ele é assistente ou ele é colega, sempre tem um papel para que ele fique realmente envolvido, e que eles troquem e convivam, acho que essa é uma palavra importante, para que eles convivam nesse tempo.

Esses dados apontam para aspectos satisfatórios gerados pelo projeto, como por exemplo, momentos de trocas, para além de ambientes domésticos e de outras relações que integram o cotidiano das famílias. O setor educativo, conforme a mediadora, está a todo tempo lidando com pessoas, o que possibilita uma diversidade de conteúdos e conhecimentos alcançados.

O projeto “Encontros Contemporâneos”, pelo qual a mediadora 3 também é responsável, tem o objetivo de aproximar professores dos curadores e artistas. É apontado pela entrevistada que o fato da equipe do educativo atuar em um museu de arte contemporânea, pode ser considerado um privilégio, pois é possível contar com artistas vivos. Devido a uma experiência pessoal de lecionar por um longo período em escolas de educação básica, foi possível que a mediadora identificasse que, ao levar seus alunos a instituições de arte, isso reverberava na forma como eles aprendiam arte. Após um tempo ela continuou o trabalho em escolas e começou simultaneamente a trabalhar com exposições em museus. Com isso notou o quanto a experiência do contato com artistas e com curadores era importante para professores. Ao iniciar trabalho na instituição MAC, resolveu propor a ação dos “Encontros Contemporâneos”, pois tinha grande expectativa de que professores tivessem um contato mais próximo de artistas e curadores.

Um programa que também é coordenado pela mediadora 3, chama-se “Viva Arte”, que tem por enfoque o fator de inclusão e acessibilidade aos diversos públicos. Tanto públicos de projetos sociais, de ONG’s (Organização não Governamental), como também com público da área da saúde mental e de terapia ocupacional. O programa “Viva Arte” tem enfoque para adultos, mas também recebe pessoas com mais de 60 anos, que se enquadrariam na terceira idade, assim como adolescentes a partir de catorze anos. A ação contempla tem três formatos, sendo um de visitas de um dia com duas a três horas, sendo que são feitas conversas, depois contato com as obras e por fim tem-se um momento de produção com um viés mais prático ou reflexivo. A mediadora 3 descreve que o que se visa com as ações é ter “sempre um momento de contato com a carga poética, que as obras trazem, com a questão da produção em si, não só visando o produto, mas visando o pensar e produzir poeticamente”.

O “Viva Arte” também oferta cursos de difusão, tanto para os usuários dos serviços de saúde, quanto para equipe técnica das instituições de saúde. Vale destacar que, em todas as ações, a equipe técnica faz acompanhamento dos participantes, pois assim, promove suporte psicossocial, o qual os agentes do museu não podem oferecer. O objetivo da ação é que o público participante tenha um bom desenvolvimento de produção, em meio a uma liberdade de criação. Conforme relato da entrevistada 3, esse programa surte efeitos de uma melhor relação dos usuários com os profissionais da saúde que os acompanham. Pois, o psicólogo ou terapeuta ao participar da ação, tem-se anulado os papéis de profissionais e pacientes, permitindo maior aproximação e convivência entre os mesmos.

As conexões existentes entre os projetos educativos do MAC USP com os acervos do museu se dão de forma direta. Os educadores partem de obras das exposições para promover as ações. Existem algumas exceções em que durante as atividades ao se apresentar um exemplo específico de alguma obra que não tenha no museu, é retirado um conteúdo fotográfico e/ou audiovisual da internet. Segundo relato da entrevistada 3, existem ocasiões em que são aplicados cursos com temáticas semelhantes a uma exposição que esteja ocorrendo no mesmo período em uma outra instituição, marcando-se uma visita a mesma. Esse é um fator de acessibilidade, onde se apresenta na cidade outros espaços de fruição aos indivíduos participantes. Quanto às ações desenvolvidas por curadores, pode-se apontar a realização de simpósios, seminários, palestras com artistas convidados e eventos de temáticas voltadas a questões de acervos e pesquisas em museus. Essas atividades geralmente atendem ao público acadêmico, como discentes, docentes e também pesquisadores interessados na área.

O ensino de educação não formal desenvolvido em ações educativas no museu, para o mediador 2, permitem ampliar os níveis de público. Tanto a nível de faixa etária, quanto a nível

social, pois através das ações, promove-se diversas possibilidades de aprendizagens. A instituição museológica ao promover atividades para além dos conteúdos de educação formal, alcança uma riqueza de resultados. O fato de o MAC USP possuir um acervo de obras com certa longevidade de tempo e equipes fixas de trabalho, permite a realização de pesquisas que ocasionam em algumas transformações importantes. Em grande parte de outras instituições e espaços culturais, na cidade de São Paulo, por exemplo, não existe longa durabilidade de exposições. Prioriza-se em muitos casos, uma questão mais mercadológica do que formativa, dando atenção maior para a quantidade de pessoas que frequentam os espaços, o que não é o foco principal das ações do MAC, segundo o mediador 2.

3.2 ATUAIS DEMANDAS E BARREIRAS NO CENÁRIO DO MAC USP

Após conversar com educadores do Museu de Arte Contemporânea da USP, percebeu-se que uma das principais demandas existentes se refere aos escassos incentivos ao transporte de crianças de escolas públicas até o museu. As secretarias do estado de São Paulo não estão fornecendo ônibus aos alunos o que é um caso lamentável. Em parceria com o Instituto de Física da USP, através de um programa nomeado “Vizinhos da USP”, é que se conseguiu um ônibus para atender essa demanda. Dessa forma visa-se reparar minimamente algumas carências existentes. Indignada com a atual situação quanto a falta de ônibus para o transporte de crianças a visitas ao museu, a mediadora 1 expõe:

(...) é necessário que haja desdobramentos, que os alunos que veem possam falar para os outros o que viveram, porque nunca tem ônibus pra todos, que é uma tragédia. Então eles criam critérios para escolher os alunos, eu acho isso péssimo. Sorteiam, porque é o jeito menos nocivo. Um absurdo (...). É muito ruim que a Secretaria de Educação de São Paulo, não forneça ônibus para todas as crianças virem.

A mediadora 1 descreveu que outro fator que demanda o museu é quanto a recursos em prol de uma equipe fixa de educadores assistentes. Pois, atualmente os assistentes são alunos bolsistas da Universidade, os quais ficam de um a dois anos na instituição até que, depois que o bolsista entendeu e se acostumou a proposta de ações do museu, ele sai e é substituído por um novo bolsista. Isso, conforme a mediadora entrevistada, se dá devido ao aspecto de formação da Universidade, mas paralelamente a isso era necessário haver educadores que auxiliassem com a quantidade de atendimentos demandados pela instituição. Pois, com um

número expressivo de visitantes e acolhimentos feitos, torna-se um tanto complicado pensar por exemplo, em uma curadoria educativa.

Uma outra demanda apontada pela mediadora 1, foi a respeito do espaço educativo, o qual carece de apoio da instituição. Para pensar uma museografia, promover uma exposição é necessário respaldo financeiro. Esse fator se dá devido às prioridades feitas pela direção da instituição e de uma política cultural instituída. É necessário também, criar mais elos de ligação com as instituições ao redor, o que deve ser promovido por agentes do museu. A mediadora descreveu ainda que, o MAC poderia ter um programa de imigrantes, com intuito de acolhê-los. Assim como, propor projetos mais diversificados. Segundo ela, os vidros da instituição, as vigilâncias podem acabar por amedrontando as pessoas. Essas questões para serem atendidas, carecem de políticas culturais.

A mediadora 2, apontou enquanto demanda do setor educativo, a importância de poder acompanhar as propostas de exposições com a devida antecedência. Isso por exemplo, para poder até mesmo solicitar materiais, que é uma dificuldade tida pelo educativo. Se houvesse mais encontros entre mediadores e curadores no museu, e os mediadores acompanhassem melhor o processo de idealização de mostras de arte, poderiam propor ideias, assim como desenvolver folder ou material gráfico para mostra. Também teriam a possibilidade de pensar ações para os vários públicos. O espaço do educativo do MAC precisa de um espaço fixo para suas atividades, o que demanda tempo e planejamento. Quanto aos ambientes dos museus, de modo geral, precisam de melhor sinalização. A própria placa de entrada que contém discretamente na cor cinza os dizeres: “Entrada Gratuita” (Figura 07), acaba dificultando a leitura e interpretação dos possíveis públicos. Seria interessante uma melhor identificação do museu, assim como uma maior divulgação de suas ações nos mais diversos veículos de comunicação existentes.

FIGURA 07 – Área de entrada do MAC USP.



Essas questões devem ser revistas, visando o acolhimento de um grande público. A mediadora 3 relata que, mesmo o museu sendo formal, tendo regras de não poder correr e se aproximar muito das obras, ele deve ser igualmente acolhedor. O mobiliário, conforme a mediadora também é uma grande carência do setor educativo. A mediadora descreveu que, os museus de ciências trabalham muito com modelos, réplicas e materiais de apoio, assim como alguns museus de história. Eles possuem um nível de discussão, o qual não se tem muitas vezes em um museu de arte. Por isso, não só o setor educativo mais também o de curadoria poderiam pensar novos recursos de contextualizar e discutir sobre uma obra.

É importante estabelecer maior atenção para além das obras no espaço expositivo, pensando em uma expografia e estética que atendam aos vários visitantes. Exemplo disso são, quanto as linguagens utilizadas em legendas, etiquetas e textos dos espaços de mostras. Até mesmo pensando em uma questão de acessibilidade, para pessoas com algum tipo de deficiência. Devido a isso, surgem alguns questionamentos, como: Para quem estão sendo feitas as exposições? A estética utilizada nos museus tem acolhido a um grande público? Questões que são relevantes para a uma discussão em prol de melhorias. A mediadora 3, expôs a necessidade de se ter mais bancos nos espaços expositivos discute: “Quem é que aguenta visitar um museu desse tamanho, sem ter um espaço de respiro entre um andar e outro. Você tem que descer, ir para o térreo ou ir para o mezanino para depois subir de novo. Precisa-se pensar no fluxo e na circulação, que propicie um conforto para o corpo e para a mente também”. Para isso, a expografia do museu precisa ser traçada repensando essas questões.

Nos dias atuais, no oitavo andar do MAC USP, está sendo construído um restaurante. Um espaço que contempla vista do terraço. Em incursão de campo, a mediadora 3 foi indagada se essa proposta do espaço de refeição e de vista a cidade é uma oportunidade de atrair públicos. A mediadora então respondeu que, o restaurante, em princípio será direcionado a um público de certa forma elitizado, principalmente financeiramente. O espaço de restaurante conforme ela, não poderia ser implantado em outro espaço do museu, devido ao fato de a cozinha não poder ficar próxima das obras. Porém espera-se que, a cozinha não impacte no acesso do público. O público que quiser subir ao terraço somente pela vista, poderá. Contudo, pode haver o fator de barreira invisível em que o restaurante cause certo constrangimento aos visitantes, mas ainda sim, almeja-se o contrário.

O espaço do terraço do museu, conforme a mediadora 3 é um atrativo pois, algumas pessoas frequentam o museu às terças feiras, que é um dia em que a instituição fica aberta até às 22h00, com intuito de ver o pôr do Sol, o que é algo bem interessante. Isso demonstra que o público também tem liberdade em se apropriar de outros ambientes do museu, enquanto um espaço da cidade, onde há acesso à vista da região de uma outra forma, como fruição também do aspecto paisagístico. Devido a isso, convém rever como será o modo de convivência entre o público do museu que visitará o oitavo andar para apreciar a vista e do que irá consumir no restaurante.

Conforme o mediador 2, há muita demanda de visitantes e uma pequena quantidade de pessoas atuando para o recebimento dos mesmos. Entretanto, esse foi um aspecto que fez muito bem para estabelecer certos diálogos entre curadores e mediadores. Quando as demandas eram menores, a necessidade de conversar era igualmente menor. Então, é algo que tem favorecido a perspectiva futura do museu e o modo como ele irá se configurar. Um aspecto carente à instituição é quanto a realização de pesquisa de públicos por parte do museu, com enfoque nas características e anseio dos visitantes. Alguns estudos nesse sentido foram realizados, mas sem estabelecer um aprofundamento maior.

Para a mediadora 3, a cidade de São Paulo é uma das poucas cidades que tem espaços culturais em quantidade, com ações gratuitas. Sendo assim, convém que o MAC USP, apresente outras possibilidades existentes ao redor, promovendo autonomia das pessoas para visitarem e circularem sozinhas entres os espaços culturais. Destaca a mediadora que:

Essas barreiras elas são invisíveis, não é só a barreira do ingresso, a pessoa se quer entra para saber quanto é o ingresso ou se existe ingresso. Então, a gente sabe que na nossa sociedade, enfim, isso é muito comum, a pessoa não se sente pertencente aquele espaço, até porque talvez na escola isso não tenha sido apresentado. E se a gente pensa em um contexto de adultos hoje, sei lá a partir de uns 40 anos, eu falo por mim, eu tenho 45 anos, quando eu estudei no colégio, você não visitava exposições de arte. Você tinha poucas saídas, como ainda hoje são poucas saídas porque, é difícil ter ônibus e mesmos as escolas particulares, isso é oneroso para muitas famílias, você ter sempre uma saída. Mas, hoje se vai mais a museus de arte, quando eu me formei em 89 no ensino médio, a gente não ia. Íamos para museu de história, para museus de ciências. Então, ainda é na formação de muita gente algo que precisa de um primeiro contato, mas visando autonomia, visando que ele vá depois sozinho.

O museu precisa estar preparado a todo tempo para trabalhar em parcerias com professores e também com público escolar infantil. Muitas crianças que frequentam o museu, sofrem de instabilidade familiar econômica social. Alguns grupos que visitam o museu são grandes, o que pode dificultar a organização e diálogo com os mesmos. Para mediadora 1, convém que os agentes do museu demonstrem relação de gentileza e amorosidade com as crianças. Pois, não se sabe entre as crianças, quais que por um acaso estão com fome. Pressupõe-se sempre que as crianças estejam confortáveis, mas podem, por exemplo, estar durante a visita com alguma dor, o que afeta as fruições e interações com as obras.

Como forma de democratização do acesso, é preciso que o museu mantenha-se aberto e que seja convidativo. Assim como, deve criar novas relações com a comunidade, ampliando a diversidade cultural do espaço museológico. Para isso, o poder público precisa reconhecer a relevância dos espaços educativos e a instituição tem de balancear suas ações visando sempre diversificar seus públicos.

Quanto às demandas do setor de curadoria do museu, foram apontadas pela curadora 1 aspectos referentes às políticas de acervo, as quais precisam ser amplamente discutidas com os vários setores do museu. Isso por serem questões que envolvem capacitação técnica e recursos humanos. A curadora comenta: “a gente gosta de receber obras, mas assim, como a gente as processa e como a gente as exhibi e preserva depois é outro problema”. Esse fator revela uma necessidade de políticas atentas ao acervo da instituição e as formas de cuidado com as mesmas.

4. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Este capítulo visa apresentar detalhadamente os métodos utilizados quanto ao desenrolar da pesquisa e concretização das análises. Dessa forma, pretende-se expor os procedimentos realizados dentro e fora do campo empírico pré-estabelecido para o presente trabalho de conclusão. Assim, serão descritos desde as etapas iniciais que mobilizaram o processo de investigação até as análises dos resultados alcançados.

A presente busca tem caráter qualitativo e concentrou grande parte de suas ações in loco, através de pesquisa de campo no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. A escolha dessa instituição para realização do trabalho se deu devido a um anseio pessoal em analisar um espaço que fosse à princípio público, de livre acesso e principalmente que abrangesse aspectos de difusão especificadamente de obras de arte moderna e contemporânea. Por ter residido boa parte da vida na cidade de São Paulo, me atentei para um aparelho cultural de tal região. Isso, com intuito de desvendar alguns fatores característicos ao desenrolar de um museu situado em tal cidade.

Durante o período de setembro a novembro de 2017, foram realizadas seis visitas à instituição. Em uma primeira visita feita no dia 16 de setembro, estabeleceu-se contato inicial com a recepção do museu, que em seguida contactou um dos mediadores da Divisão de Educação e Arte. Um dos educadores representando o setor demonstrou grande entusiasmo e disponibilidade em contribuir com a pesquisa. No mesmo dia esse mediador repassou contato de e-mail e telefone de outras educadoras e da secretaria da Divisão de Pesquisa em Arte, responsável pelo setor de curadoria do MAC USP. Por seguinte, foram estabelecidos contatos com tais pessoas via e-mail, visando o agendamento de entrevistas presenciais.

Vale destacar que, a escolha dos entrevistados se deu mediante busca no sítio eletrônico do museu, onde no item “Funcionários”, há destaque para os responsáveis pelos setores de mediação e de curadoria. Quanto ao número de educadores, pode-se dizer que atualmente atuam três mediadoras e um mediador na instituição. Através de agendamento prévio com a secretária do Departamento de Educação e Arte foi possível realizar entrevista com os quatro profissionais. Em relação à equipe de curadores do museu, essa é formada por três curadoras e um curador. Sendo que, só foi possível estabelecer contato com duas curadoras.

A segunda visita ao museu ocorreu no dia 20 de setembro, onde no período da manhã foi possível acompanhar uma ação educativa nominada de “Encontros com a arte para terceira idade”. Nesse dia ao observar o desenrolar de uma oficina de desenho destinada a um grupo de

idosos, realizou-se registros fotográficos e anotações escritas em relação a análise das experiências dos participantes na ação. Em seguida, foi feita entrevista com a educadora denominada ao longo do trabalho como mediadora 1. No mesmo dia, no período da tarde, sucedeu encontro com o mediador 2.

Em uma terceira visita ao museu, no dia 25 de setembro, foi possível estabelecer contato e entrevista com a mediadora 3. Devido a algumas demandas e compromissos da mediadora 4, o encontro com a mesma ocorreu no dia 27 de outubro. Pode-se afirmar que, as entrevistas com os mediadores tiveram duração de entre 35 a 64 minutos, totalizando aproximadamente 2 horas e 47 minutos de entrevistas. Os educadores entrevistados são identificados ao longo desse trabalho de conclusão como, “mediador (a)”, seguido de suas respectivas numerações.

Os questionários utilizados nas entrevistas foram semiestruturados e iguais para os quatro mediadores da instituição. As perguntas realizadas visaram a livre fala por parte dos entrevistados, os quais tiveram tempo de resposta conforme necessário para seus relatos. As entrevistas foram feitas com uso de gravadores, e em seguida transcritas. Os quatro educadores entrevistados possuem formação e/ou especialização em Artes Plásticas, sendo que cada um promove ações e linguagens artísticas diferenciadas no MAC USP.

Em contraponto a disponibilidade tida pelos mediadores em contribuir com a presente pesquisa, o contato com o setor de curadoria do museu, se deu de forma bastante dificultosa. Em contato com a secretária da Divisão de Pesquisa em Arte, essa expôs a problemática de estabelecer contato com os curadores do museu. A mesma destacou que esse setor, possui diversas demandas, dentre elas, pesquisas; realizações de exposições; produção de seminários, simpósios; participação em conselhos, reuniões e viagens a eventos acadêmicos nacionais e internacionais. Além disso, também são profissionais que lecionam nos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Universidade de São Paulo.

Com a agenda bastante ocupada, foi impossível realizar agendamento prévio de um contato presencial com os curadores. Para os agentes da mediação e da curadoria foi estruturado um questionário, porém, o que era destinado aos curadores precisou ser reduzido a duas questões. O único encontro presencial possível de ser estabelecido com uma das curadoras, referenciada nesse trabalho como Curadora 1, foi através de minha participação em um seminário realizado por ela. O evento se deu entre os dias 30 de outubro e 01 de novembro. Após o encerramento do evento, o contato com a Curadora 1, foi feito e as duas questões foram lançadas. Por se tratar de um contato um tanto inesperado por parte da curadora, as perguntas foram respondidas rapidamente em um tempo aproximado de quatro minutos. No dia 27 de outubro foi encaminhado um e-mail a outra curadora, identificada na pesquisa como curadora

2, a qual realizou retorno no dia 06 de novembro com breves dizeres em respostas ao que lhe foi perguntado.

Elucidando o debate quanto a métodos e pesquisa qualitativa, Mirian Goldenberg (2011), no livro “A arte de Pesquisar”, destaca que diferente da busca de dados estatísticos que podem ser resumidos em tabelas, através da análise qualitativa não é possível abreviar os dados de tal maneira. Conforme a autora, o (a) pesquisador (a), deve sistematizar todos os passos do processo, desde a definição de problemas até a obtenção de resultados e consequente fundamentação de conclusões. Através desse método é possível alcançar várias perspectivas sobre o caso estudado. A observação de aspectos e dados distintos pode-se promover ampla compreensão de um problema analisado. Com base nesses conceitos é que se instituiu os processos de análise da presente pesquisa.

Além das entrevistas com mediadores e curadoras, pensou-se em obter também dados sobre o conhecimento ou desconhecimento das ações desses agentes por parte do público fruidor do MAC. Isso, com intuito de identificar minimamente a forma como se dá a visibilidade desses profissionais perante os visitantes do museu. Para tanto, foram entrevistados dez pessoas, escolhidas aleatoriamente, sendo cinco homens e cinco mulheres, os quais responderam as seguintes questões: “O que é arte pra você?”, “Já ouviu falar em curador de arte? Sabe o que ele faz?”, “Já ouviu falar em mediador cultural ou educador de museu? Se sim, quais são as atividades que esse agente realiza?” e “Existe alguma ação que poderia ser feita pelos agentes do MAC USP com intuito de contribuir para uma maior fruição de obras de arte?”. Em meio a essas questões, o público tinha liberdade de expressar relatos pessoais como resposta às perguntas. As entrevistas se deram no espaço do museu e para tanto fez-se o uso de gravadores para captação de áudio e câmera digital para realização de filmagem dos entrevistados. Vale salientar que, no decorrer desse trabalho, esses entrevistados serão identificados com nomes fictícios a fim de que se preserve a identidade dos participantes.

O processo de análise das entrevistas contribuiu como fonte essencial a interpretação dos dados. Os registros gravados foram transcritos e organizados a fim de relacionar opiniões, críticas condizentes ao objeto desse trabalho de conclusão. Para além dos encontros com agentes no museu, foi realizada revisão bibliográfica em torno das temáticas de mediação cultural, curadoria em artes visuais, políticas de difusão das mesmas, dentre outros dados significativos ao desenrolar da pesquisa.

5. DEBRUÇANDO-SE SOBRE A ANÁLISE

Após reunir os dados alcançados com a presente pesquisa, as informações foram divididas em três conjuntos de análises. Dessa forma, partiu-se de temas de amplo destaque, recorrentes das entrevistas, para o desenvolvimento do conteúdo analítico. Conteúdos em torno de ações de cunho educativo foram mais identificados em detrimento dos poucos relatos sobre ações de curadoria do MAC USP. Isso ocorreu pois, ao longo da investigação se estabeleceu maior contato com mediadores culturais e conseqüentemente obteve-se mais depoimentos desses do que de curadores.

Apesar de o museu ter ativas ações no campo educacional, ainda assim existem muitos visitantes que desconhecem as mesmas. Dessa forma, para alguns os espaços de exposições de arte, bem como toda a composição estética e estrutural desses locais são a única forma de difusão e experiência artística desses locais. Entretanto, há o público que participa das atividades educativas, como por exemplo, o público escolar o qual não foi alvo de entrevista para a presente pesquisa, mas que esteve presente nas falas de todos os informantes mediadores.

Os tensionamentos gerados em torno das ações de curadores e mediadores foram significativos para o desenrolar desse trabalho de conclusão. Desencontros entre esses agentes, assim como com o público ou até mesmo com a própria pesquisadora são reflexos de uma distância ditada por tamanha hierarquia presente na instituição e apontada nas falas dos entrevistados. Esses são pontos cruciais da presente investigação e que compõem inclusive o título e objeto principal da pesquisa. Junto à análise das entrevistas, são observados alguns registros produzidos de ações educativas e da atuação de mediadores no campo empírico, contribuindo com a contextualização dos objetivos da pesquisa, através de um relevante processo de maturação dos dados.

Com base em três conjuntos de análises, são distribuídas as informações coletadas durante o processo de imersão na pesquisa. Os apontamentos destacados a seguir permeiam por discursos protagonizados pelos entrevistados e que reverberam em forma de críticas. Espera-se que a partir de tais dados possa-se acionar importantes indagações voltadas ao tema, as quais possam ser suprimidas em pesquisas futuras.

5.1 TECENDO FIOS DE DIÁLOGOS ENTRE MEDIADORES, CURADORIA, PÚBLICO E OBRAS

Como parte inicial das análises pode-se apontar as ações e interações geradas entre mediadores, curadorias, públicos e obras de arte. Essas são realizadas, conforme apontaram os informantes, com intuito de promover a formação de públicos para o museu. Atuações que estão voltadas de forma central a se difundirem com pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais.

O Museu de Arte Contemporânea da USP, é um espaço propenso a encontros entre público e obras. O departamento educativo em meio a uma diversidade de visitantes atua com estímulo de interpretações. Por ser um cenário de cubo branco, por vezes não convidativo, acaba por provocar uma sensação de não pertencimento por parte de alguns visitantes. Devido a isso, as ações educativas e de mediação visam ampliar o acesso de públicos a instituição.

Um fator significativo observado nas falas dos mediadores é quanto a uma atenção voltada aos públicos e suas peculiaridades. Em destaque a isso, aponta a mediadora 3 que: “é importantíssima a adequação de uma linguagem no trato para uma diversidade de público, com estratégias de que desenvolvam interesse e compreensão das exposições”. Nota-se que, existe uma preocupação no atendimento a uma gama de visitantes, entretanto, sabe-se que o MAC ainda não possui uma política de pesquisa de públicos que investigue características específicas dos mesmos. Caso houvesse uma proposta nesse sentido, seria possível estruturar melhor ações educativas, curatoriais e até mesmo estratégias de interação com os indivíduos frequentadores do museu.

A mediadora 1, expõe que “o museu é espaço de interação, interação público e obra. E tem a mediação e o educador que na arte contemporânea, a figura do educador vai se tornar mais necessária, porque as obras têm muitas vezes um discurso muito fechado”. Essa questão pode estar atrelada a discursos narrativos, aspectos museológicos e poucas vivências em instituições culturais que podem dificultar um contato afundo com obras de arte. Em contraponto a isso, a mediadora 1, destacou que a bagagem de vida dos indivíduos pode ser significativa para encontros com experiências estéticas. Tendo em vista que cada sujeito carrega consigo peculiaridades e que pode realizar associações de sentidos e pontos de vista, para além de proposições artísticas, curatoriais e de mediação.

Para além dos objetos artísticos, o espaço expositivo contempla informações que comunicam, como, folhetos, texto curatorial, os quais atuam como elementos complementares a obra. Em paralelo a isso, a mediadora 4, destaca alguns fatores que precisam ser bem

estabelecidos no espaço expositivo, permitindo melhor fruição, dentre esses discorre que os textos de parede precisam ser acessíveis, desde o tamanho da letra, até o fator de conteúdo que não deve apresentar narrativa hermética e de difícil compreensão. Quanto a isso, convém acentuar que o diálogo entre curadores e mediadores, se for feito anterior a uma proposta de exposição, pode favorecer esses aspectos, considerando que o mediador possui vínculo e conhecimento mínimo de público, podendo ser um agente colaborador nas proposições

As experiências entre públicos e obras, podem se dar a partir de pequenos relatos, pautados em contextos e repertórios pessoais de vida. Para tanto, os contextos de história da arte precisam ser vistos como possibilidades de diálogos e narrativas em meio a tantas outras. O mediador nessa situação atua como um agente incentivador a conversa, assim como aponta o mediador 2: “é saudável o compartilhamento de impressões de uma obra de arte, é por isso, que um show de rock não acontece para uma pessoa só, por exemplo”. Contudo, ele reflete também que, “todo ser humano tem autonomia na construção de sentidos. Em hipótese alguma, o público de uma instituição de arte deve ser pressionado a visitar o museu com alguém mediando”. Um outro comentário feito a esse respeito foi da mediadora 1, exprimindo que, “geralmente tem aquelas pessoas que dizem: ah eu entendo de obras de arte, não preciso de mediação”. Com base nesses relatos, é possível refletir que o museu de arte, deve incentivar a pesquisa por parte de mediadores sobre as relações com públicos e suas liberdades de fruição. A instituição não pode ignorar a importância desses profissionais atuando no que se refere a educação informal, formação e acompanhamento de visitantes. Quanto a isso a entrevistada 3, expressa: “a ideia realmente, é ter um acolhimento com a equipe do educativo, mas que depois a pessoa se sinta segura para buscar sozinha esses espaços, isso é muito bacana e importante pra gente”.

O principal motivo de existência do espaço museal, de ações de mediação e de curadoria é o público. Sendo que, os visitantes são alvos de atividades educadoras e de difusão de experiências estéticas. Nesse sentido, mediadores, curadores responsabilizam-se por instigar, provocar, dialogar e usar estratégias de aproximação. A mediadora 1, ao descrever sobre a repercussão de ações voltadas para crianças, comenta: “se elas quiserem voltar no museu, eu atingi meu objetivo, se foi legal, se foi gostosa a experiência. Então, repercutiu alguma transformação e também eu estou pensando em um adulto fruidor de arte, e aí ele vai querer voltar”. As visitas no museu são efêmeras e acontecem com tempo reservado de acordo com o público. Geralmente o tamanho físico dos espaços expositivos influencia nesse fator, bem como as vontades e escolhas feitas pelos apreciadores. É importante que mesmo tendo por vezes

propostas de trajetos pré-determinados pelos setores da curadoria e mediação, o público tenha autonomia de definir seu próprio trajeto de visitas.

O olhar do público fruidor, por vezes aproxima-se da obra, como também pode ser afastado por ela. Alguns observam o espaço expositivo de forma suspeita, outros demonstram curiosidade por um objeto visto ao longe e então motivam-se a apreciar. Em um museu de arte contemporânea, algumas pessoas podem observar de forma duvidosa determinada obra e questionar se realmente é obra de arte. As obras potentes, em alguns casos, por instantes incomodam indivíduos, provocam reflexões que podem acionar o inconsciente, resgatam experiências vividas, revelam um pouco mais da essência presente em cada ser. Várias são as possibilidades de interpretações e encontros entre obras e públicos. O que precisa haver é a disposição para tais encontros e o desejo para o contato com a obra. Uma relação de alteridade, onde o espectador encontra-se com o diferente e consigo mesmo.

Um relato descrito em entrevista pela mediadora 1 foi de que a arte é significativa quando proporciona certa reflexão. A arte contemporânea principalmente, quando incomoda, causa estranhamento e gera crítica a alguma questão social, está cumprindo sua função. Ainda é recorrente a ideia de que a obra tem que ser bela. Então, criam-se preconceitos entre o feio e o belo, entre verdadeiro e falso, entretanto isso perpassa por amplo relativismo, em que se demandam novas discussões e diálogos sobre fruição em artes visuais.

Foi constatado em grande parte das falas dos entrevistados um enfoque sobre o elo existente entre museu e escolas, como fator significativo à democratização do acesso e do envolvimento da comunidade escolar com artes visuais. Em menção a isso a mediadora 1 expõe:

Se os professores não trouxeram outros conteúdos para os alunos, os pais não trazem. Porque, os pais estão muito distantes, os pais estão totalmente imersos no consumo de massa, eles são chamados no sábado para ir no Shopping, ou para qualquer outra coisa. Por isso, a escola é uma ponte, importantíssima.

É evidente que, nesse relato, a mediadora evoca a uma relevância do contato entre obras e público escolar, sendo esse um caminho para apresentar algo diferente do que se tem acesso no cotidiano. Na fala nota-se também um descontentamento com um consumo massivo feito por parte de adultos que conseqüentemente influenciam seus filhos. Vale salientar que, a distância de públicos e museus pode ser justificada para além do fator da cultura de massa. Sendo que, a massificação em alguns casos também pode estar atrelada a museus que ofertam exposições blockbuster, por exemplo.

O setor educativo do MAC, possui várias ações que priorizam a formação de professores e as mesmas, assim como outros projetos são pautados no acervo do museu, como relata a mediadora 4:

Você dá um recurso didático e uma relação com o acervo. Sempre pontuando que todas as ações elas têm que partir das exposições e preferencialmente do acervo. Porque as exposições do acervo elas têm a permanência de cinco anos. Então se você é professora hoje, e eu fiz uma experiência com você sobre retratos, daqui a dois anos se você quiser voltar com outra escolha, a exposição está lá. A temporária se desmonta com maior rapidez.

Notou-se que ao longo de muito tempo, o setor educativo do MAC, propagou e propaga projetos e atividades voltadas a professores das mais diversas áreas de formação. Isso ocorre, conforme identificado em alguns depoimentos, devido à questão de que todos os mediadores ao longo de suas atuações tiveram contato com escolas, salas de aula e por entenderem que essa relação da instituição com o público escolar é de fundamental relevância à aprendizagens. A mediadora 4 aponta que o mediador tem um trabalho bem importante nas exposições, e discorre:

A gente tem um público que não é muito formado e a gente não tem um hábito do brasileiro de frequentar museu. Quem vai no museu? Geralmente quem tem interesse por arte são as escolas que trazem as crianças, que eu chamo de visita compulsória, porque se você perguntar para uma criança se ela quer ir ao museu, 1% vai dizer que quer ir, a maioria quer ir no parque de diversão.

O apontamento da mediadora 4, é significativo para pensar que o hábito de visitar museus é bastante recente na história do país e ainda incomum a muitas pessoas. Boa parte do público que passou a frequentar esses espaços foram os professores de artes influenciados pela chamada Proposta Triangular, a qual foi citada anteriormente nesse trabalho, é que alguns professores se viram na obrigação de apreciar e ter contato pessoal com objetos artísticos. Esse acontecimento conforme expôs a mediadora 4, provocou um amplo acesso aos museus por parte dos professores com intuito de mostrar obras de arte para crianças, pois havia carências quanto a livros de arte e acesso à internet, por exemplo. Esse cenário se alterou um pouco no sentido de que mesmo com alguns avanços, as visitas escolares deram sequências e atualmente os questionamentos são quanto à qualidade desse acesso, a importância de um ensino não formal em um espaço considerado laboratório de discussões e trocas. Questões que demandariam uma reflexão mais aprofundada para que fossem melhor esclarecidas.

A mediadora 4, descreve um diálogo tido com uma criança visitante em que ela conta: “Eu recebi uma criança outro dia que falou para mim [Nossa, esse lugar é de rico] Por que? [Porque aqui parece um hotel de luxo] ”. Essa relação com o espaço aponta para uma visão instaurada de não pertencimento expresso na fala da criança, que ao ser indagada, responde com

sinceridade suas ideias sobre o espaço museu. Isso pode estar atrelado a vários fatores, dentre eles, o fator econômico e social. Pois, a criança ao se deparar com um lugar de preponderante arquitetura, situado em um bairro de classe média, com boa infraestrutura, acaba por acionar a dimensão social, de não identificação com aquele ambiente e contexto. Devido ao fato de vir de uma escola que não trabalha arte, no museu a criança vive um deslumbramento. Uma relação distinta do que se dá dentro do espaço de sala de aula. Elucidando essa diferença de lugares, a mediadora 4 questiona que:

É perigoso eu estar no museu, porque é um perigo para as obras, essa é uma questão. Então, como é que você delicadamente passa para as pessoas que no museu você tem regras de comportamento, mas que essas regras são para organizar a visita e não para que a visita seja chata ou ruim? No caso, isso é o que acontece quando o mediador é mal preparado, e a gente vive uma realidade muito grande no Brasil, infelizmente de um péssimo preparo para os mediadores de visita.

Esse depoimento invoca a uma reflexão em torno da ação mediadora, a qual foi destacada em diversos momentos da presente pesquisa. Mais um indício de que entre os diálogos gerados nos espaços museológicos, o mediador é incumbido de importantes responsabilidades. Dentre elas, a sensibilidade em discernir as várias possibilidades cognitivas dos diversos públicos, o que demanda tempo significativo. Para isso, existe uma necessidade de qualificação desses profissionais, que em muitos museus e bienais acabam por terem carreiras temporárias e sem tanto incentivo a uma boa desenvoltura em suas atuações. Assim, acabam por construir uma narrativa única que é disseminada aos visitantes sem distinção de perfis etários, dentre outros aspectos. A mediadora 4 assinala: “No museu mais do que saber a fase rosa e fase azul, se Picasso é cubista ou não (...) o que a gente tem que ter é a promoção de uma experiência mais agradável possível de relação entre público e a obra”. Um espaço regido por normas de comportamento e que carece de que algumas questões sejam bem especificadas ao público para que se criem possibilidades de encontros, que muitas vezes passa pela figura do mediador. Esse, juntamente com os curadores devem agir de forma a tornar o espaço convidativo, estabelecendo bons discursos museológicos, museógrafos e de interação. Ações que aproximem o público de um contato com espaço, com as obras e as informações como um todo. Quanto a isso, segundo a mediadora 4:

A qualidade da informação não é verificada pela quantidade. Porque, já existe muita informação nesse ambiente, que é o prédio, a limpeza, o frio, a dimensão de um lugar que o público muitas vezes nunca esteve, um elevador que nunca andou. As vezes o próprio banheiro é uma atração da visita. Então, tudo isso faz parte dessa relação com esse lugar aqui que se chama museu. Por isso, a mediação as vezes pode afastar o público ao invés de trazer para perto.

Os apontamentos discutidos estabelecem relações de reflexão com as atuais ações desenvolvidas no MAC USP, com os processos de formação de públicos e com a difusão de obras de arte. Desta forma, os diálogos estabelecidos na instituição entre proposições artísticas, educativas e os mais diversos agentes do museu inferem a uma continuidade e aprimoramento de atuações visando gerar ainda mais encontros com experiências estéticas.

5.2 LABIRINTO INSTITUCIONAL: HIERARQUIA E DESENCONTROS ENTRE CURADORIA E MEDIAÇÃO CULTURAL

Nesse segundo conjunto de análises, serão aprofundadas informações que acentuam o fator de desencontros e hierarquias instauradas no campo empírico pesquisado. A partir de relatos de mediadores e curadores, será explicitado os tensionamentos existentes entre ambos e as complexidades que devido a isso são geradas no campo das artes visuais. O título adotado para esse episódio analítico evoca a um entendimento de espaço institucional de estrutura hierarquizada, com constantes desarmonias entre os agentes e que destoa de ações e relações compartilhadas.

A mediadora 1 aponta que mesmo estando em um museu universitário não se tem ainda uma compreensão de equipe, de contribuição e de respeito mútuo entre os profissionais. Destaca em um comentário: “a gente não tem ainda a ideia de pensar uma curadoria e pôr a toda equipe pra pensar junto. Sempre um “aqui” em cima pensa e aí depois chega “aqui” em “baixo”. A gente do educativo deveria já começar a atuar na proposição de ideias”. O mediador 2 acentua essa discussão destacando que “como a arte- educação ficou com um conceito muito forte enfim, ele criou também algumas disputas”. É nítido nas falas dos entrevistados um descontentamento perante a hierarquia instituída entre as áreas, como enfatiza o mediador 2: “tem uma hierarquização e uma na verdade, uma falta de sensibilidade de entender a relevância dos dois campos”. Nesse relato o mediador refere-se à importância do reconhecimento de mediadores assim como se dá a curadores. Essa invisibilidade é identificada também para além dos agentes institucionais, sendo esse foco do posterior conjunto de análise.

Quando questionados sobre a existência de diálogos e interações entre os setores de mediação e de curadoria, os mediadores entrevistados lamentaram as carências de conversas pontuais anterior às propostas expositivas. Conforme exposto pelos quatro mediadores, as reuniões em que os educadores são acionados, em sua maioria não possuem caráter

propositivos, mas sim explicativo, apenas como forma de divulgação de propostas. O mediador 2 associa essa realidade a instituições para além do MAC USP, quando destaca: “Mas não é só aqui, normalmente é bem separado essas relações em outros espaços culturais ”, em concordância a esse relato, a mediadora 4, destaca:

Normalmente o projeto vem pra gente pronto, às vezes, com um pouco de antecedência pra que a gente pense as ações paralelas à mostra, mas algumas poucas experiências de curadoria foi antecipada ou ouviu os educadores no museu, isso é uma prática que eu acredito que os museus de São Paulo não tenham não. Pelo que eu conheço dos educativos, a mostra já vem pronta.

As ausências de diálogos aqui discutidas podem ser consideradas preocupantes, devido às contribuições que as experiências de cada agente poderiam proporcionar. Quanto a esse fator, a entrevistada 3, expõe: “tem coisas que a gente sabe do público por experiência própria e que colaboraria no momento da proposição curatorial”. A mediadora 3 destaca ainda que, “por estarem em uma instituição, onde se tem equipes fixas, os encontros poderiam ser ampliados. A coordenação do educativo é que insiste mais nessa questão”. Relata a entrevistada que, por vezes, o setor educativo é chamado com intuito de que lhes seja apresentado uma proposta já definida pela curadoria, para que a partir disso proponha-se a extroversão do que se foi pensado anteriormente.

Conforme destacou o mediador 2, “hoje tem mais diálogo do que teve há mais tempo atrás. Algumas coisas melhoram, outras demoram mais para avançar, mas enfim, é parte de um processo”. Algumas poucas conversas estabelecidas se deram pelo fato de haver um aumento de demandas por parte do setor educativo, o que ampliou a necessidade de dialogar com outros setores. Mediante as falas dos mediadores, pode-se afirmar que essas relações ainda caminham lentamente, exigindo alterações para que se reconfigure e aprimore as ações de difusão de arte no museu.

Referenciando as ações de curadoria educativa realizadas por mediadores, a mediadora 1, destaca que durante o período de gestão de Ana Mae Barbosa, tinha-se uma maior visibilidade e autonomia por parte dos educadores. A mediadora 4, comenta que realizou a curadoria da exposição: “Não toque, obra viva”, em que com entusiasmo ela descreve: “foi um sucesso, tinha até pipoca, imagina pipoca no museu?! Foi uma loucura (...). Eu fazia exposições pra crianças que lotava, você não tem ideia tinha por volta de umas quatrocentos pessoas no vernissage”. Outros mediadores nesse mesmo período de gestão também puderam contribuir com curatorias educativas. Sendo que, tinha-se atrelado a divisão de educação, a realização de exposições. Devido a mudança de direção, surgiram outros eixos norteadores no museu, e que

provocaram um distanciamento de educadores e propostas de exposições de arte. Esses agentes perderam a autonomia que tinham, e em desalento a isso a mediadora 4 expõe que isso, “é uma questão que vem sendo ampliada pela própria Universidade (...) tudo é decidido e coordenado pelos docentes”. Essa fala retoma a discussão em torno das hierarquias existentes, onde docentes, curadores são superiores, quase que realezas imperando ações vinculadas a proposições expositivas. Tem-se dessa forma, educadores considerados como funcionários e súditos ao sistema gestor. Um fator presente em pleno ano de 2017, em uma Universidade pública de grande prestígio tanto no estado de São Paulo, quanto no país. Isso acaba por desmotivar os agentes de mediação que se veem com poucas alternativas a diálogos, encontros e proposições de ações expositivas.

O fato de ser um museu Universitário e público, com enfoque nas categorias de ensino, pesquisa e extensão, não anula a existência de hierarquias instauradas. Devido a isso, não se pensam curadorias juntamente com todos agentes do museu. O que predomina é o pensamento vertical, onde acaba por dispensar os vários olhares colaboradores para promoção de mostras.

Sobre a relevância dos encontros entre curadores e mediadores, a entrevistada 3, discorre que, para os educadores seria interessante estabelecer certa familiaridade com obras e o pensamento curatorial, pois é um tanto complicado a apropriação de um grande conteúdo de obras com pouco tempo de antecedência e logo em seguida receber públicos. Assim como da mesma forma, curadores poderiam compreender melhor diante de um conjunto de obras, as formas em que melhor correspondem os diversos públicos. Fatores técnicos, como por exemplo, altura de obra, iluminação também poderiam ser melhor dispostos. Sobre isso a mediadora 3 comenta:

Eu trabalho com famílias, um dia eu agachei, várias vezes eu agacho, fico com as crianças na altura delas, para olhar pra obra, e não conseguia ver, porque tinha um super reflexo, então a gente tinha que mudar a distância. Altura de vitrina, é um grande problema também, porque, muitas crianças pequenas tenho que pedir para levantar porque elas não enxergam as obras e quando a gente recebe escolas, como é que a gente faz?! Não dá para levantar todo mundo. Então, são questões que a gente ainda precisa afinar, sinceramente, tanto na parte conceitual, quanto na parte técnica, prática e expográfica.

Nota-se presente na fala da mediadora, uma ênfase na necessidade de encontros e diálogos entre curadores e mediadores, com intuito de que se viabilize melhores ações e conteúdos difundidos ao público fruidor de arte. Não se pode negligenciar os vários papéis existentes nas instituições museológicas, nem a importância de ações em conjunto em prol de resultados que beneficiem os vários agentes do museu.

Uma exposição de arte pode ser identificada enquanto espaço de mediação por si só, e a curadoria por sua vez, ao realizar uma seleção de obras, parte de uma pesquisa pré-estabelecida. A organização curatorial em torno de um tema, período ou determinado movimento é feita a partir do ponto de vista de um curador que é pesquisador. Assim, pode-se considerar que o espaço expositivo já tem em si uma mediação com base em uma narrativa construída pelo curador. E essa narrativa, ela é construída a partir da leitura do público. A mediadora 4, comenta a esse respeito destacando que, “uma exposição não existe sem o público. Então uma exposição ela é a mediação entre o público e uma ideia conceitual do curador exibida por meio de obras, sejam quais forem”. As escolhas feitas por um curador narram uma história, e essa história acontece com o público. Acentua a entrevistada que:

Qualquer curador, no meu ponto de vista, tem que elaborar um projeto de exposições que considere o público como leitor daquela narrativa que ele está propondo. Porque o que acontece, se o curador faz uma exposição que o conceito fique claro só para ele? Não funcionou. Se eu escrever um texto sobre a importância do alimento na cultura e ninguém conseguir ler o que eu pensei, esse texto não aconteceu. Então, essa é uma questão fundamental na área de educação. Os curadores precisam trabalhar em sintonia com a divisão de educação. Não eu fazer um projeto inteiro, entregar pronto para você e falar, ó a exposição é essa e agora você ativa.

A expressão “ativar” a exposição dialoga um tanto com a discussão sobre a atuação secundária de mediadores que por vezes seguem os ditames de algo proposto e definido anteriormente. A mediadora 4 destaca que: “não se pode prever que determinada exposição seja interessante só por meio do educativo. Eu acho que existe uma extrema responsabilidade da curadoria de fazer um trabalho em diálogo com o educativo”. Nesse sentido a fala da entrevistada atenta-se para a ideia do educativo atuar na organização da exposição. Isso, com intuito de colaborar para que a narrativa seja clara para o público, independentemente de ter o mediador na visita, pois segundo a mediadora 4: “uma boa exposição deve falar por si só”.

Ao longo das análises discutidas até o momento, nota-se um enfoque no fator de que curadores não possuem o mesmo entendimento de público que mediadores, devido principalmente à falta de contato e encontros com o mesmo. Em detrimento disso, questiona-se: Para quem estão sendo feitas as exposições de arte? Quais são os critérios utilizados para a disposição de obras? Os aspectos espaciais, por exemplo, se não forem bem definidos podem acabar por atrapalhar uma visita mediada de um grande grupo, como pontua a mediadora 4: “eu vejo a exposição e falo - olha, não dá pra você por pra cá esse objeto, porque esse perto desse, quando as crianças sentarem, elas vão encostar nesse, porque eu recebo vinte. Então, eu tenho a noção, dessa espacialidade do público no museu”. Por vezes, nos museus o que se preza é

pela imposição de normas de comportamentos que limitam a ideia de transitar no espaço com maior liberdade. Entretanto, havendo diálogos e trocas entre curadores e mediadores, é possível que se estabeleçam propostas a fim de, evitar que peças sejam danificadas e que seja chamada atenção de pessoas para determinadas formas de comportamento. O museu precisa ter ambientes favoráveis aos diversos públicos, para que esses não fiquem engessados perante as obras. Principalmente considerando que, a instituição possui demanda diária do público escolar, o qual é formado por grandes grupos de crianças, as quais precisam de espaço para transitar em meio as obras.

A visita ao museu não deve gerar medo nos visitantes. Precisa ao contrário, aproximar, como foi destacado nas falas dos mediadores. Assim, o museu deve estar atento a construir um ambiente de conforto ao público, que permita momentos de sociabilidade, interações e encontros. Enfatizando esse fator, a mediadora 4 expõe: “o museu é um lugar de conversa. (...) e quanto menos o espaço é pensado para o público mais restrições você vai ter que dar para o público”. As falas da entrevistada apontam para a importância de um espaço que permita boas vivências por parte dos visitantes. Para além disso, é relevante considerar que mesmo que os espaços sejam pensados para manter um bom acolhimento do público, ainda assim, alguns cuidados sempre terão que ser adotados por parte dos fruidores sem que isso prejudique a experiência estética.

Dentre as funções de uma instituição museológica, tem-se destaque ao fator educacional. Esse, não se aplica somente ao departamento educativo, mas também a outros setores do museu. Em meio aos breves relatos de curadoras alcançados com a presente pesquisa, a curadora 1 comenta: eu acho que assim, ação educativa, disseminação de acervos etc, isso é uma parte inerente da atividade curatorial. Você pensar nesse sentido da formação, pelo menos para nós, sobretudo dentro de um museu universitário é fundamental”. A curadora associa a atuação de docência como fator educativo, destaca a realização de pesquisas, o vínculo com alunos e conteúdo de mostras expositivas, apontando que:

No caso do MAC USP que é mais claro pra mim como curadora do museu, tem uma atividade, quer dizer, a minha atividade de docência, quando eu proponho as disciplinas de graduação, disciplinas optativas de graduação, disciplinas que eu contribuo nos dois programas de pós graduação que o museu participa. As curadorias que eu faço, a pesquisa que eu desenvolvo ela está toda interligada com o acervo do museu, com sua história institucional e enfim, uma coisa alimenta a outra. Eu tenho alunos que contribuem com a pesquisa que eu faço com acervo do museu em vários níveis, desde a graduação até a pós-graduação. E ao mesmo tempo isso retroalimenta disciplinas que eu dou e as exposições que eu faço, então, está tudo meio interligado.

Em opinião a essa questão a curadora 2 mencionou que o setor da curadoria tem as ações de pesquisas como norteadoras de seus trabalhos e destaca:

Apenas para enviar uma ideia, todas as exposições do museu, a não ser as temporárias, são oferecidas a partir das pesquisas realizadas pelos docentes. São 5 professores que realizam as curadorias. O diferencial do MAC USP está, justamente, nesse fato das pesquisas que acredito ser de importância fundamental quando se fala em “curadoria”. Paralelamente a isso, o setor educativo do museu baseia-se na interação com as exposições para construir seus programas de atendimento ao público em geral. Basicamente, é o grande conceito que rege as mostras no MAC USP.

Esses relatos se deram por meio de uma conversa via e-mail, sendo que entrevistas desse gênero acabam por dificultar a interpretação dos dados. Mas vale destacar que, as informações são escritas de forma sucinta e não dão margem a um aprofundamento das ideias. Ao colocar a palavra curadoria em aspas, prevê-se que a entrevistada remete as pesquisas feitas por docentes como algo de destaque as ações curatoriais no museu. Ela associa o setor educativo às atividades de cunho interativo com as mostras de arte. O que pode ser entendido como algo complementar vinculado ao contato com públicos. Ao final do e-mail a curadora indicou um contato da coordenadora do departamento educativo, o que demonstra que a interpretação da pergunta: “Quais os contributos de ações curatoriais e como se relacionam com o fator educacional do museu? ”, se deu de forma a associar por completo o fator educativo com o departamento de educação e arte, no qual o setor de curadoria não possui vínculos de trocas e acabam por serem ações paralelas.

De forma crítica, a mediadora 4 aponta que vários são os entendimentos sobre o que é educação e em desabafo a isso descreve: “pra ser bem sincera, eu acho que existe uma falta de compreensão absoluta por parte dos curadores do que é um trabalho educativo em museus, porque pra eles é a bijoteria da exposição, o enfeitizinho”. Uma afirmação que perpassa pelo fato de que em grande parte dos museus de arte o setor educativo é considerado como proponente de programações paralelas as exposições, como oficinas artísticas e visitas monitoradas. A entrevistada relata que a maioria dos curadores não assumem ter desconhecimento das ações do setor educativo. O que enfatiza suas posições de intelectuais e superiores. Vale salientar que, essa afirmação não está descrita nesse trabalho como algo generalizador, mas enquanto um dado preponderantemente observado ao longo das análises. Segundo a mediadora 4 muitos curadores “não entendem que a exposição é um espaço de educação”, ela enfatiza também que, “a educação é um palavrão no Brasil, é feio trabalhar com educação, é menor, mas um curador é um educador, porque se eu faço uma exposição linear, ali eu tenho um discurso de educação para as artes”. Nota-se a partir dessas falas, que existe um profundo equívoco por parte de

diretores e curadores de museu de arte, quando não associam o espaço expositivo a um local educativo. No caso do MAC USP, acaba por ser um museu universitário que não tem como foco o viés educacional como protagonista de suas ações e que inclusive, não prioriza até mesmo recursos financeiros para o setor de educação e arte.

Em crítica a algumas ações curatoriais, a mediadora 1 destaca:

Muitos curadores criam as vezes exposições com uns discursos tão fechados, que quando você tem uma exposição mais aberta, menos acadêmica, ela é mais visitada sim, porque ela é mais aberta ao diálogo. As exposições são extroversões das pesquisas dos curadores. Então, dependendo da extroversão, ela pode se tornar uma exposição aberta ou não.

Obra aberta como já foi mencionado nesse trabalho de conclusão é fator fundamental para difusão de experiências estéticas. Sendo que, um objeto artístico potente permite maior diversidade de interpretações e conseqüentemente contribui com o fator de acesso e encontros no espaço expositivo.

Ao longo das discussões analisadas nesse conjunto analítico, ficou notável o fator de desencontros existente entre mediadores e curadores no MAC. Em meio a isso, pode-se enfatizar que conforme grande parte das falas dos mediadores esses setores poderiam trabalhar em conjunto e de forma colaborativa. O desconhecimento do público por parte dos curadores é um ponto crucial a se considerar quando se pensa na proximidade dessas áreas. Esses tensionamentos presentes no contexto do museu pesquisado, podem ser atrelados à política institucional existente. Sendo que, a proposição de novas políticas, poderia ser importante para propiciar melhores relações entre os agentes do museu e equilibrar os processos hierárquicos presentes na instituição.

A análise desenvolvida em torno dos desencontros presentes no campo empírico, buscou acentuar os aspectos de maior relevância observados. Vale destacar que, os depoimentos que orientaram tal discussão tiveram protagonismo dos mediadores entrevistados, devido a maior disponibilidade, envolvimento e contribuição dos mesmos com o estudo realizado.

5.3 INVISIBILISADOS, VISIBILIZADOS NA PERSPECTIVA DE VISITANTES

Um terceiro conjunto de análise advém de aspectos relativos prioritariamente aos relatos de visitantes do MAC USP. O que se discute nesse momento analítico é sobre o conhecimento ou desconhecimento por parte do público de ações, funções de curadores e mediadores. Para além desses aspectos, os visitantes foram indagados sobre o entendimento de

arte e de possíveis proposições em prol de um melhor funcionamento do museu. Questões que influem opiniões distintas, de comentários pessoais e subjetivos.

A partir dos dados alcançados com a presente investigação, identificou-se que dos dez visitantes entrevistados, seis apontaram já terem ouvido falar em curador de arte. Dentre os seis, quatro destacaram conhecer exemplos de ações curatoriais. Em resposta a essa discussão, Marcos destaca: “é quem cuida, prepara as mostras, toma conta de acervo, tematiza determinadas épocas, determinadas histórias literárias e artísticas. Tem o trabalho técnico também de montar equipe de restauração, de conservação, de exposição, eu imagino que seja isso”. Ricardo expõe: “eu acho que ele busca coisas novas para expor nas galerias e museus de arte. E também ele faz meio que um marketing do artista, eu penso que é isso”. Mariana descreve: “ele que escolhe as exposições. Ele que escolhe quem vai ser o artista”. Ruan relata: “o curador é a pessoa que pode montar exposições, que se preocupa o que que isso pode dizer e como é que tudo isso pode chegar nas pessoas”. A ação de proposição de exposições aparece de forma quase que unânime presente nas falas, revelando um consentimento referente a ação curatorial.

Ao indagar sobre o conhecimento do agente de mediação cultural/educador de museu, apenas um visitante relatou conhecer. Ruan comenta:

O educativo de museu é um trabalho essencial, porque um bom educador de museu, não traz a pessoa pra observar uma obra, explica a técnica e ensinar no sentido didático, com reprodução de discurso. Mas ele abre oportunidades pra que você consiga perceber de outras maneiras aquilo. Você percebe de um modo diferente a obra e sai daqui diferente do que entrou, percebendo diferente e com vontade de voltar e ver outras obras com esse novo olhar.

Um fator interessante presente na fala de Ruan é quanto ao entendimento de mediador cultural em concordância com o que foi apresentado ao longo desse trabalho de conclusão, inclusive em destaque as ideias discutidas no referencial teórico. É evidente que a visibilidade e o conhecimento de ações de curadores por parte dos visitantes é superior a de mediadores. Esse fator é manifesto em meio a uma ausência de vínculo entre os agentes e o público. Pode estar atrelado ao fator de que a figura do curador se propaga em alguns meios de comunicação, como por exemplo, nos folders das exposições, em textos curatoriais dos espaços expositivos, em matérias jornalísticas televisas sobre divulgação de mostras de arte, dentre outros meios. Em detrimento a isso, os mediadores que atuam em vários momentos nos espaços expositivos, interagindo com o público em ações educativas são invisibilizados por quase todos os visitantes entrevistados. Esse fator pode estar associado a várias questões, como por exemplo, a

invisibilidade dos educadores em meios de comunicação como também na própria instituição. O termo mediador cultural e educador de museu ainda são pouco difundidos se comparado com o dizer curador. E as ações educativas possuem como principais participantes o público escolar. A mediadora 4 refletindo a respeito disso comenta: “acho que quem pede mais visita orientada são as escolas. Mas as pessoas que costumam visitar museu, elas geralmente não pedem visita orientada, principalmente porque não há divulgação na entrada do museu sobre isso”. Esse fator demonstra uma carência de divulgação sobre mediadores culturais, bem como sobre suas atuações e ações que realizam aos diversos públicos. Pois, pode-se considerar que a fase escolar ocupa apenas um período da vida, depois dessa fase as pessoas podem continuar a frequentar e usufruir de espaços culturais. Para tanto, convém que tenham amplo conhecimento das possibilidades de experiências a serem vivenciadas no espaço museológico.

Quando questionados a respeito do significado de arte, os visitantes entrevistados relataram opiniões diversas, sempre partindo de subjetividades e experiências pessoais. Dentre os comentários, Marcos destaca: “arte para mim é estranhamento, convite ao não previsível, a morfia, aquilo que faz você reconstruir aquilo que já está consolidado na mente, aquilo que já estava tido como único e verdadeiro”. Larissa por sua vez aponta: “eu acho que tudo que a gente faz, seja um desenho, um escrito, alguma coisa assim, se você coloca algo que você quer dizer com aquilo, eu acho que é válido como arte”. Miguel sucintamente descreve: “pra mim é a manifestação do subconsciente”. Para Marina: “é aquilo que a gente vê e mexe com a gente, faz a gente questionar as coisas, é ver as coisas de um outro jeito”. Olha, arte pra mim é uma manifestação, pode ser corporal, musical, textual”, relata Jonas. “Arte é um conjunto de coisas, uma arte pode ser desde uma pintura, até uma foto, um vídeo, uma expressão cultural”, descreveu Renata. Conforme Diogo: “é uma contemplação, é o momento quando você tem contato com o seu espírito, com uma obra e acima de tudo, você tem aquela sensibilidade, aquela emoção. As vezes pode tanto se identificar como também achar estranho, achar esquisito”. Beatriz afirma: “arte é tudo na verdade, é uma expressão de sentimento, de criatividade, de quem você é”. Mariana comenta: “isso é tão subjetivo. Acho que é alguma coisa capaz de te emocionar de alguma forma”. Ruan explana: “pra mim é o respirar, é essência, é difícil exprimir em palavras o que ela é, o que ela representa pra mim. Ao analisar as falas, nota-se que foram destacados aspectos referentes as linguagens artísticas. Para além disso, os entrevistados expressaram ideias que se associam a vivências e encontros com experiência estética. Será que esse mesmo público entende o que é experiência estética e identificam quando a vivenciam? São dados interessantes que poderiam ser supridos através de pesquisa de público.

Dentre algumas propostas de ações a serem feitas por parte do museu, o visitante Marcos destacou: "talvez o museu pudesse levar réplicas de algumas peças para escolas municipais, ou para associações de bairros. Para que as pessoas tivessem uma pequena mostra do que tem no museu". A mediadora 4 demonstra consentimento com esse fator quando evoca: "Ah, eu tenho como tarefa desde que eu assumi a coordenação do museu de fazer atividades que saiam um pouco do museu para colaborar com a educação em artes. Então como a gente é um museu universitário, eu acho que a gente tem essa tarefa", para além disso, a mediadora explica: "não podemos ficar fechado no museu como muitos diretores pensam".

Ainda em resposta às proposições de ações para o museu, a visitante Larissa comenta: "sinto um pouco falta de um guia, de um acompanhamento, porque muitas vezes as obras estão expostas, mas as vezes você não sabe muito bem o que é". Isso demonstra um desconhecimento das ações dos mediadores do museu por parte da visitante, o que reforça a necessidade de uma melhor divulgação das atuações desses agentes. Miguel destaca: "eu sinto falta às vezes, de um áudio guia, porque quando tem eu costumo pegar". Ruan descreve: "Acho que falta chamar atenção do público, de uma maneira que eles possam sentir o gosto de falar eu quero voltar lá, quero visitar de novo, quero ir atrás do autor dessa obra. Acho que falta um pouco mais disso". Jonas expôs: "Olha, sempre que eu vou em um museu, é bem vazio. Eu acho que deveria ter no ensino a referência do que ir buscar no museu. Se a população tivesse mais referência do que é exposto em um museu, daí sim os museus teriam mais visitas". A visitante Renata comenta: "a maioria da galera que curte ir em exposição e tudo mais, é uma galera que já tem um interesse desde a escola, uma coisa que você aprende. Agora, estão querendo tirar as artes do ensino fundamental, ensino médio e eu não acho certo isso". O consentimento observado nas falas de Jonas e Renata é também visto no relato da mediadora 4 ao descrever:

Pouquíssimas escolas tem uma boa educação em artes. Isso porque os próprios professores foram mal formados, tem um certo receio de trabalhar arte contemporânea. E por isso, as instituições de museu, estão fazendo um esforço enorme em fazer curso de formação para professor, material de apoio para professor, para que então a gente colabore com o ensino das artes. Acho que isso é uma missão de um museu, principalmente no nosso caso em que somos um museu universitário. Então, o educativo do museu ele não pode estar fixo e concentrado apenas nas paredes do cubo branco.

Todos os outros visitantes entrevistados destacaram propostas de maior divulgação das mostras de arte e das atividades realizadas pelo museu. Ao longo do processo de realização das entrevistas no museu, um fator interessante identificado foi que, o público visita o MAC, muitas vezes para além dos espaços expositivos, utilizando o oitavo andar do edifício como local de sociabilidade, onde realizam fotos, vídeos, conversam, leem, observam a paisagem e interagem

com outros indivíduos. Alguns dos relatos acentuaram o fator de promover um melhor plano de comunicação para as programações do museu, atendendo aos diversos públicos. Vale destacar que, nesse conjunto de análise expressou-se algumas questões relacionadas a apenas uma pequena parcela do público do MAC. Fazendo-se necessário a realização de pesquisas destinadas a um aprofundamento das ideias aqui apresentadas. Com intuito de se dar maior enfoque aos visitantes, os quais são figuras de grande importância para o funcionamento de instituições culturais.

CONCLUSÃO

Após um extenso processo de investigação em torno do presente trabalho de conclusão, pode-se afirmar que esse nos fez refletir a respeito dos desafios existentes nos campos de mediação e de curadoria em artes visuais. Aspectos de desencontros entre esses setores foram identificados, apontando para uma hierarquia que persiste em grande parte das instituições de arte. Muitos mediadores por não receberem a devida atenção e reconhecimento, deixam de expor as bases intelectuais de seus programas. Por isso, é bastante complexo e difícil haver um museu na América Latina e no mundo que seja conhecido prioritariamente pelo departamento educativo.

Ao analisar as funções de mediadores e curadores, é visível que esses agentes possuem objetivos em comum, como por exemplo, promover significativos encontros entre obras e públicos e assim, difundir experiências estéticas. Esses agentes devem atuar a todo instante em prol dos fruidores, os quais possuem central relevância para as ações decorrentes no museu. Foi possível notar que, as atuações dos educadores do MAC, felizmente compactuam com o real conceito de mediação. As atividades e visitas não são propostas com intuito de animar ou reproduzir discursos pré-concebidos. Contudo, ainda existe invisibilidade desses agentes por parte de alguns visitantes, assim como há um certo desconhecimento de aspectos característicos do público do museu, demandando pesquisas que possam ir ao encontro dessa questão.

Atualmente no Brasil, questões associadas à educação sofrem certas descrenças e desigualdades. Por isso, é relevante estabelecer parcerias entre escola e museus. Assim como, para atuações de educadores frente à educação não formal. Após várias conversas e entrevistas realizadas com os mediadores do MAC, ficou nítido o quão importante é que esses participem do processo de difusão de uma exposição, anterior a sua montagem. Pelo fato de conhecerem e interagirem mais com o público, os educadores podem auxiliar no planejamento e disposição de obras e textos, por exemplo. Assim como, também podem dialogar com curadores questões intrínsecas as pesquisas que resultam em exposições.

O MAC USP, enquanto instituição acadêmica, possui diversos embates políticos, que muitas vezes acabam por limitar as interações entre seus agentes. Um museu universitário que ainda pouco se atenta às questões educativas a ele associadas. Entretanto, há de se destacar que são problemáticas vinculadas a políticas culturais. Para além disso, pode-se afirmar que o campo das artes e da cultura, é um campo muito carente de investimento e de uma compreensão melhor sobre sua representatividade. Quanto a esse fator, reflito sobre a importância de profissionais como por exemplo, produtores culturais atuantes em prol de fomentar recursos

por via de políticas públicas, editais, projetos de captação de fundos voltados a difusão de artes visuais em instituições ou até mesmo fora delas.

É necessário que o MAC seja visitado em seus diversos espaços, propagando diálogos que rompam fronteiras entre as mostras de arte, entre discursos e práticas curatoriais e de mediação. As ações de curadoria e mediação cultural envolvem contínuos processos de formação de públicos. Não são atuações que devam ser entendidas enquanto reprodutoras de ideias, mas como propositoras de descobertas. Da mesma forma que, a intenção de predizer a intencionalidade do artista tem-se modificado pela priorização da leitura do objeto estético produzido. Sendo assim, vale destacar que as atividades do mediador e do curador são complementares, pois interpretar uma exposição é tão significativo quanto monta-la.

Estranhamento, apreciação de obras e distintas interpretações são sensações características do espaço museal. Esse aparelho cultural precisa ser acolhedor e democratizado para além da ideia de cubo branco. Assim como, os conteúdos museográficos e museológicos precisam se atentar para quesitos em prol de boa fruição estética. O fator de localização do MAC USP, privilegia o acesso de residentes de uma região central em detrimento de regiões periféricas da cidade de São Paulo, por isso, é revelante estabelecer estratégias de divulgação e aproximação com públicos das mais variadas faixa-etárias, formação escolar e classes sociais. Entretanto, não se deve priorizar números de visitantes ou volumes em espaços de mostras, mas sim promover potentes diálogos, fruições e vivências detentoras dos diversos saberes. Outra questão a ser destacada é quanto ao fato de que, por ser um museu universitário, o MAC deve se atentar aos pilares de ensino, pesquisa e extensão dando prioridade a comunidade. Assim, convém que difundam obras de artistas e produtores independentes e de pouca visibilidade. Tendo como prioridade as criações para além das que são ditadas pelo mercado de arte.

O trabalho revelou várias inquietações sobre os campos da mediação e da curadoria, sobre perfis e especificidades de públicos fruidores e sobre as demandas políticas existentes na área. Convém destacar que, durante o período de realização de entrevistas, grande foi a dificuldade de estabelecer contato com a equipe curatorial do MAC, e um grande distanciamento de tais agentes. Profissionais que possuem atualmente considerável reconhecimento em diversos museus, ao contrário dos mediadores que ainda anseiam por maior visibilidade, inclusive por parte do público como identificou-se com essa pesquisa. Curadores, assim como artistas não devem ser colocados em um pedestal, nem incorporados por um sistema contraditório de legitimação. Em detrimento disso, convém estabelecer conversas e trocas, relativizando os espaços expositivos. Passando a visualizar o curador como um ser

humano propositor de ideias, e que mesmo sendo dotado de um conhecimento crítico e intelectual sobre arte, não possui saberes superiores as interpretações de um visitante que associe determinada obra a uma experiência pessoal de vida, por exemplo. No caso do MAC, os curadores costumam realizar eventos, seminários que podem ser cenários propagadores de discussões sobre a área.

O ato de pesquisar, gera sempre novas problemáticas em torno da temática traçada para determinado trabalho. Esse em especial, revelou a necessidade de avançar em pesquisas provocadoras de discussões em torno do curar, do mediar e do fruir em arte. Ao longo da trajetória de vida, cada indivíduo certamente vive mediações com arte em situações que muitas vezes, não se atrelam a instituições culturais. Mas certamente, essas influenciam em suas escolhas e modos de fruição com arte. Encontros, desencontros em museus, ocorrem diariamente, seja entre agentes da mediação e curadoria; entre mediadores, curadores e públicos ou entre públicos e obras de arte. Entretanto, através de políticas institucionais, os espaços expositivos, podem romper com determinadas barreiras visíveis e invisíveis existentes. Expande-se assim, a difusão cultural, a promoção de experiência estética e as reflexões em arte contemporânea. Criando dessa forma, amplo acesso a exposições artísticas, as quais são repletas de obras propensas a uma gama significativa de interpretações pelos diversos indivíduos em sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ALEGRIA, Tânia. **O papel da curadoria como difusora da arte contemporânea**. Dissertação (Mestrado). Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2013.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARBOSA, Ana; Coutinho Rejane. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela Arte – os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo:EDUSP, 2007.
- BONCI, Estela. Ações disparadoras de experiências estéticas com crianças. **Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 161-170.
- BRUNO, Maria. Definição de curadoria: Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In: Bittencourt, José. **Caderno de Diretrizes Museológicas 2: Mediação em Museus: Curadoria, Exposições, Ação Educativa**. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2008, p. 17-25.
- CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. A curadoria de processos educativos de ações esparsas à curadoria. In: Bittencourt, José. **Caderno de Diretrizes Museológicas 2: Mediação em Museus: Curadoria, Exposições, Ação Educativa**. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2008, p. 161-170.
- CHIARELLI, Tadeu. **Como explicar arte contemporânea brasileira para o público internacional**. In: RAMOS, A. (Org). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010. p. 75-112.
- CLADDERS, Johannes. **Johannes Cladders**. In: OBRIST, Hans. Uma breve história da curadoria. São Paulo: Bei, 2010. p. 72-87.
- DARRAS, B. As várias concepções de cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana; COUTINHO, Rejane (orgs). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo, Editora Unesp, 2009. p.23-52.
- DEMARCHI, Rita. **Experiências estéticas: aberturas e marcas, vivas e vividas**. In: MARTINS, Mirian. **Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 67-82.
- DEWEY, John. **Como pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DONATO, Célia. Mediação cultural: despertando uma vida de relação com a arte. In: MARTINS, Mirian. **Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 83-98.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador: In: BATTOCK, G. **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

DUTRA, Mariana. Curadoria compartilhada na experiência de Mediação Cultural do museu de arte contemporânea do Ceará. 2014. 105f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2014.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

FARIAS, Agnaldo. Entre a potência da arte e sua ativação cultural: a curadoria educativa. In: MARTINS, Mirian; EGAS, Olga; SHULTZE, A. **Mediando [com]tatos com arte e cultura**. São Paulo: Instituto de Artes/Unesp, 2007. p.66-68/ 87-89.

HOFF, MÔNICA. **Mediação (da arte) e curadoria (educativa) na Bienal do Mercosul, ou a arte onde ela “aparentemente” não está**. Trama Interdisciplinar, Rio Grande do Sul v. 4, n. 1, 2013.

JACKSON, Toby. Fórum Permanente. Disponível em:
<<http://www.forumpermanente.org/convidados/tobyjackson>>. Acesso em: 14 maio 2017.

JOHANN, Maria; RORATTO, Luciara. **A dimensão educativa da mediação artística e cultural: a construção do conhecimento através da apreciação na presença da obra**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.

MARTINS, Mirian. **Curadoria educativa: inventando conversas**. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

MARTINS, MIRIAN (Org). **Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014, 246p.

MORSCH, Carmen. **Status e funções da mediação educacional da arte**. Disponível em:
<http://www.forumpermanente.org/event_pres/exposicoes/documenta-12-1/relato-sobre-palestra-debate-e-oficina-com-carmen-morsch>. Acesso em 15 junho 2017.

Museu de arte contemporânea da Universidade de São Paulo. Disponível em:
<<http://www.mac.usp.br/mac/>>. Acesso em 15 abril 2017.

MUSEU, Revista. **Glossário da Revista Museu**. Disponível em: <
<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/glossario.html>> .

- OBRIST, Hans. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: Bei, 2010.
- O'NEILL, P.; WILSON, M. Curating and the educational turn. Londres: Open Editions; Amsterdam: De Appel, 2010.
- OTT, Robert William. Texto extraído do livro: BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 113-140.
- PINTO, Júlia. **O Papel Social dos Museus e a Mediação Cultural: Conceitos de Vygotsky na Arte-Educação Não Formal**. PALÍNDROMO N.7 - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – CEART/UEDESC, São Paulo, 2012.
- RAMOS, Alexandre. **Sobre o ofício do curador**. Arte: Ensaios e Documentos, 2010, 172p.
- RIBEIRO, Miguel. **Curador enquanto autor de exposições**. Disponível em: <<https://miguelsousaribeiro.wordpress.com/2015/02/16/curador-enquanto-autor-de-exposicoes/>>. Acesso em 08 maio 2017.
- RUBIM, Antonio. **Políticas culturais no Brasil: tristes tradições**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 13, p. 101-113, 2007.
- SANTOS, Damaris; RODRIGUES, Carla. **A importância da mediação cultural em museus e espaços culturais como ação educativa para os diferentes públicos**. XII ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2016.
- UTUARI, Solange. Sobre estrelas do mar. In: MARTINS, Mirian. **Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 25-26.
- VERGARA, Luiz. **Curadorias educativas: percepção imaginativa/consciência do olhar**. In: Congresso Nacional de Pesquisadores em artes plásticas, 1996. Anais. Rio de Janeiro: ANPAP, 1996. p. 240-247.
- VERGARA, Luiz. Fórum Permanente. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/convidados/luiz-guilherme-vergara>>. Acesso em: 10 maio 2017.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DESTINADO A MEDIADORES DO MAC USP

- Quais os contributos e relevância de ações educativas para o desenrolar do MAC USP?
- Qual o perfil dos públicos participantes dos projetos educacionais?
- Qual a formação académica dos educadores?
- Como funciona o processo de formação de públicos no museu?
- Quais as vantagens do ensino de educação não-formal em museus de arte?
- Quais são as conexões existentes entre conteúdos educativos e mostras expositivas?
- Quais são os principais resultados de ações educativas no museu?
- Qual a característica de curadoria educativa, como se dá esse processo no MAC USP?
- Como ocorrem os processos de diálogos, encontros e interações entre mediadores e curadores no museu? Existem proposições em conjunto para promoção de ações educativas e mostras de arte?
- Você acha que através de políticas públicas culturais seja possível reverter a questão de hierarquização existente entre curadoria e mediação cultural?
- Quais atuais demandas em torno do setor educativo do museu?

APÊNDICE B – QUESTÕES DESTINADAS AOS CURADORES DO MAC USP.

- Quais são os contributos de ações curatoriais e como se relacionam com o fator educacional do museu?
- Quais são as principais demandas do setor de curadoria do MAC USP?

ANEXO A – MAPA DAS EXPOSIÇÕES DO MAC USP

FIGURA 08 – Mapa das exposições

8	VISTA PANORÂMICA <i>PANORAMIC VIEW</i>		8	VISTA PANORÂMICA <i>PANORAMIC VIEW</i>	
7	INSTAURAÇÃO DO MODERNO <i>INSTITUTION OF THE MODERN</i>		7	VISÕES DA ARTE NO ACERVO DO MAC USP 1900-1950 <i>VISIONS OF ART IN THE COLLECTION OF MAC USP 1900-1950</i>	
6	SAMSON FLEXOR: TRAÇADOS E ABSTRAÇÕES <i>SAMSON FLEXOR: STROKES AND ABSTRACTIONS</i>		6	VISÕES DA ARTE NO ACERVO DO MAC USP 1950-2000 <i>VISIONS OF ART IN THE COLLECTION OF MAC USP 1950-2000</i>	
5	MAC USP NO SÉCULO XXI A ERA DOS ARTISTAS • PARTE 2 <i>MAC USP IN THE 21ST CENTURY: THE ERA OF ARTISTS - PART 2</i>		5	MAC USP NO SÉCULO XXI A ERA DOS ARTISTAS • PARTE 1 <i>MAC USP IN THE 21ST CENTURY: THE ERA OF ARTISTS - PART 1</i>	
4	A CASA <i>THE HOUSE</i>		4	VIZINHOS DISTANTES ARTE DA AMÉRICA LATINA NO ACERVO DO MAC USP <i>DISTANT NEIGHBORS LATIN AMERICAN ART IN MAC USP COLLECTION</i>	
3	MARCELO ZOCCHIO SOMENTE O NECESSÁRIO <i>MARCELO ZOCCHIO - JUST THE NECESSARY</i>		3	RESERVA EM OBRAS <i>COLLECTION STORAGE IN WORKS</i>	
2	ESPAÇO EDUCAÇÃO E ARTE <i>EDUCATION AND ART AREA</i>		2	VISUALIDADE NASCENTE 2017 <i>VISUALITY NASCENTE 2017</i>	
1	ÁREA ACADÊMICA E ADMINISTRATIVA <i>ACADEMIC AND ADMINISTRATIVE AREA</i>		1	AUDITÓRIO <i>AUDITORIUM</i>	
M MEZANINO	EXPOSIÇÃO EM PREPARO <i>EXHIBITION SET UP IN PROGRESS</i>		M MEZANINO	CAFETERIA <i>CAFÉ</i>	
0 TÉRREO	ENTRADA E SAÍDA <i>ENTRANCE AND EXIT</i>		0 TÉRREO	BIBLIOTECA <i>LIBRARY</i>	

ANEXO B – REDES VIRTUAIS DE DIVULGAÇÃO DO MAC USP

FIGURA 09 - Layout do site do MAC USP



FIGURA 10 – Layout do Instagram do MAC USP

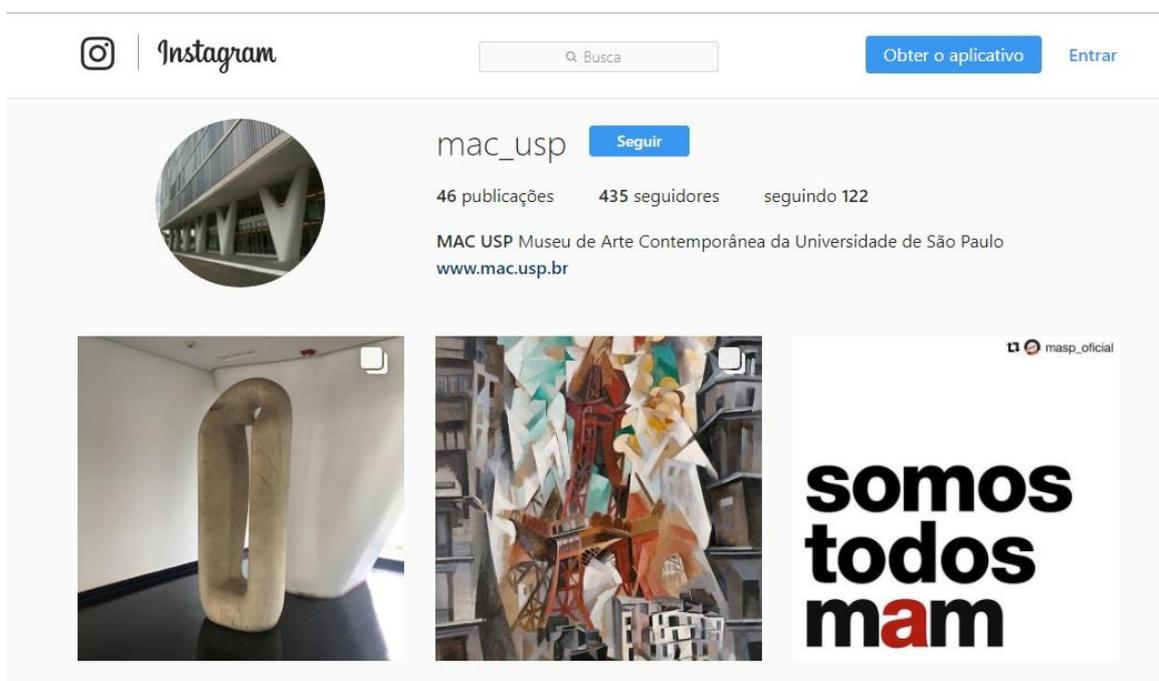


FIGURA 11 – Layout do facebook do MAC USP



FIGURA 12 – Layout do twitter do MAC USP

